

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
MESTRADO EM LINGUAGEM, IDENTIDADE E SUBJETIVIDADE

LEONILCE DE LARA FERREIRA

O Guardador de Rebanhos: Transgressão e poética do devir em Alberto Caeiro

PONTA GROSSA
2016

LEONILCE DE LARA FERREIRA

O Guardador de Rebanhos: Transgressão e poética do devir em Alberto Caeiro

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre. Programa de Mestrado em Linguagem, Identidade e Subjetividade da Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG.

Orientadora: Profa. Dra. Silvana Oliveira

PONTA GROSSA

2016

Ficha Catalográfica
Elaborada pelo Setor de Tratamento da Informação BICEN/UEPG

F383 Ferreira, Leonilce de Lara
 O Guardador de Rebanhos: transgressão e
 poética do devir em Alberto Caeiro/
 Leonilce de Lara Ferreira. Ponta Grossa,
 2016.
 107f.

 Dissertação (Mestrado em Linguagem,
 Identidade e Subjetividade - Área de
 Concentração: Linguagem, Identidade e
 Subjetividade), Universidade Estadual de
 Ponta Grossa.

 Orientadora: Prof^a Dr^a Silvana
 Oliveira.

 1.Literatura. 2.Filosofia. 3.Poesia.
 I.Oliveira, Silvana. II. Universidade
 Estadual de Ponta Grossa. Mestrado em
 Linguagem, Identidade e Subjetividade.
 III. T.

CDD: 801

LEONILCE DE LARA FERREIRA

O Guardador de Rebanhos: Transgressão e poética do devir em Alberto Caeiro

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguagem, Identidade e Subjetividade como quesito parcial para obtenção ao título de Mestre na Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientadora: Silvana Oliveira

Ponta Grossa, 27 de novembro de 2016.

Profa. Dra. Silvana Oliveira – Orientadora
Doutora em Teoria e História Literária
Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Prof. Dr. Vinícius Silva Lima
Doutor em Letras (Estudos Literários)
Universidade Estadual de Londrina

Profa. Dra. Marly Catarina Soares
Doutora em Literatura
Universidade Estadual de Ponta Grossa

“Não sou nada. Nunca serei nada.

Não posso querer ser nada.

À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo”

(Fernando Pessoa – Álvaro de Campos; Tabacaria)

AGRADECIMENTOS

À Profa. Dra. Silvana Oliveira que, dedicada e pacientemente, direcionou e ensinou-me os caminhos nos campos da poesia e da filosofia;

A todos que dedicarem o silêncio de sua reflexão ao esforço de análise e compreensão aqui empreendido.

RESUMO

Fernando Pessoa se destaca na literatura mundial, dentre outras características, por ter encenado a multiplicidade do ser de forma extraordinariamente única por meio da criação de uma vasta galeria de heterônimos. Tal proposição é realizada pela multiplicação de personalidades, representadas por uma diversidade de textos produzidos para justificar e organizar a existência de várias identidades poéticas, desde biografias, cartas e poemas atribuídos a cada um dos heterônimos criados. Pessoa é o poeta rizomático, que cria novas conexões a cada heterônimo, não sendo uno, mas múltiplo em um. Objetivamos, nesta dissertação, analisar parte da produção de Alberto Caeiro, heterônimo de Pessoa, como o poeta do devir. Nosso foco é a obra *O Guardador de Rebanhos*, cujas características rizomáticas nos levam à reflexão sobre o devir em sua produção. Os conceitos de rizoma e devir, assim como as noções conceituais deles derivadas, são tomados da obra de Gilles Deleuze e Felix Guattari, nos volumes da coletânea *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia* (1995). Destacaremos, na análise, a abordagem da natureza, em que sensações e percepções são consideradas superiores ao pensar, em um movimento de devir-natureza para o humano.

Palavras-chave: Literatura. Filosofia. Poesia.

ABSTRACT

Fernando Pessoa stands out in worldwide literature, among other features, for having staged the multiplicity of being in an extraordinarily unique way by creating a wide heteronyms gallery. Such proposition is made by the multiplication of personalities, represented by a variety of texts produced in order to justify and organize the existence of several poetic identities, from biographies, letters and poems attributed to each of the heteronyms created. Pessoa is a poet that creates new connections with each heteronym. In this sense, the aim of this study is to analyze the production of Alberto Caeiro, heteronym of Pessoa, as the poet of “becoming”. Our focus is the work *The Keeper of Flocks*, whose rhizomatic characteristics lead us to a reflection on the becoming of its production. The concepts of rhizome and becoming, as well as the conceptual notions derived from them are taken from the work of Gilles Deleuze and Felix Guattari, in the volumes of the collected writings *A Thousand Plateaus: Capitalism and Schizophrenia* (1987). In the analysis, we will highlight the approach of nature, in which sensations and perceptions are considered superior to thinking, in a movement of becoming-nature for the human.

Keywords: Literature. Philosophy. Poetry.

LISTA DE ABREVIACÕES

Os títulos de obras ou de livros estão abreviados nesta dissertação da seguinte forma:

OGR *O Guardador de Rebanhos* (PESSOA, Fernando. **Obras em Prosa**, 1986.)

F.P Fernando Pessoa

SUMÁRIO

PALAVRAS INICIAIS	9
<i>1 RELACIONANDO POESIA E FILOSOFIA: CAEIRO E OS DEVIRES</i>	<i>12</i>
<i>2 A POÉTICA DO DEVIR</i>	<i>22</i>
<i>3 FERNANDO PESSOA: GILLES DELEUZE, FÉLIX GUATTARI: OS DEVIRES.....</i>	<i>56</i>
<i>PALAVRAS FINAIS</i>	<i>68</i>
<i>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</i>	<i>70</i>
<i>ANEXOS</i>	<i>74</i>

PALAVRAS INICIAIS

Este trabalho pretende abordar a produção de Fernando Pessoa, enfatizando a poesia de Alberto Caeiro, em especial o poema “O Guardador de Rebanhos”, de forma a relacioná-la aos conceitos de rizoma, devir, atual e virtual, de Gilles Deleuze e Felix Guattari.

A escolha pelo poeta Caeiro se dá devido à sua singular forma de expressar situações em que o humano se vê confrontado com a natureza, em um movimento de devir mútuo entre o homem e a natureza, e vice-versa. Em O Guardador de Rebanhos, percebemos um eu lírico vivendo situações e momentos únicos e que jamais se repetirão, formas de “ver” impossíveis de serem repetidas por outro, e o que se destaca na obra de Caeiro é a busca por uma forma poética ao captar o instante fugidio da compreensão do homem como parte de um Todo, do qual a natureza é a face imediatamente sensível. É a esta capacidade de expressão que associamos ao sentido de “devir”, proposto por Gilles Deleuze e Felix Guattari (Volume 1, 1995, p. 16).

O poema O Guardador de Rebanhos, importante produção do heterônimo Alberto Caeiro, de Fernando Pessoa, é uma abordagem do mundo da linguagem baseada em conceitos filosóficos que priorizam a liberdade na busca por novos conceitos e ramificações da linguagem e novas ligações entre a palavra e o mundo, envolvendo constantes análises acerca da maneira como se dá essa relação entre pensamento e expressão.

Gilles Deleuze e Felix Guattari são filósofos contemporâneos que buscam novas formas de trabalhar com conceitos pré-estabelecidos dentro da filosofia, bem como o eu lírico do poema de Caeiro busca novas possibilidades para analisar o fazer poético. Nossa proposta, então, é a abordagem conjunta do fazer poético de Caeiro, carregado de uma reflexão profundamente pensada não sobre o pensar, mas o sentir; paralelamente às considerações sobre os conceitos de devir, atual e virtual de Gilles Deleuze e Felix Guattari. Em ambos os casos temos a intensidade das multiplicidades como referência.

Para o encaminhamento aqui proposto, dividimos o trabalho em três capítulos: O primeiro, Relacionando poesia e filosofia: Caeiro e os devires, capítulo que tem como ponto de partida uma relação dos heterônimos de Fernando Pessoa e

da crítica no Brasil acerca das obras do autor, chegando até o heterônimo Alberto Caeiro, com ênfase para os estudos do poema O Guardador de Rebanhos de Caeiro.

O segundo capítulo, A poética do devir: O segundo capítulo destaca como ocorre a ligação entre o pensamento dos filósofos Deleuze e Guattari e o heterônimo Caeiro, ligação que, segundo nosso ponto de vista, ocorre através da busca pelo devir, a busca pela intensidade do absoluto de cada instante “aqui-agora”.

Neste segundo capítulo iniciamos contando sobre a vida do heterônimo caeiro, criador da obra em O Guardador de Rebanhos, e os prováveis contextos do surgimento da mesma. É apontada também a relação intensa de Caeiro com a natureza, a inteireza com que percebe cada instante. Pois, para o poeta, o tempo não se calcula pelo relógio, mas pela intensidade de cada sensação, pelos movimentos de transformações ocorridos, e como percebe-os na natureza. Portanto, percebemos a valorizando as sensações em relação ao pensamento em sua poesia.

Neste capítulo, também, relacionamos a negação do pensamento à busca pelo devir. Para tal relacionamos a poesia de Pessoa e a filosofia deleuze-guattariana, especialmente o devir deleuze-guattariano. E com esse objetivo, o conceito de “devir” é analisado de forma mais profunda e particularizada.

De forma particular é feita a relação entre a poesia caeiriana e o filosofar deleuze-guattariano, onde cada verso do poema O Guardador de Rebanhos é interpretado segundo os conceitos e pontos de vista filosóficos de Deleuze e Guattari, o devir é percebido dentro da poética caeiriana em toda a sua intensidade.

A seguir, no terceiro capítulo, temos o estudo do conceito de rizoma, segundo os estudiosos Deleuze e Guattari, explicando e exemplificando tal conceito. Bem como mostrando a relação rizomática presente entre Fernando Pessoa e seus heterônimos.

No terceiro capítulo, intitulado Fernando Pessoa: Gilles Deleuze, Félix Guattari: Os Devires, primeiramente buscamos mostrar os motivos pelos quais optamos em transgredir as barreiras entre as searas da poesia e da filosofia, e trabalhar com elas de forma rizomática. Explicando a linguagem em sua forma rizomática, a poesia e a filosofia em suas multiplicidades.

O conceito de rizoma de Deleuze e Guattari é analisado em cada princípio, e a seguir a poesia é analisada segundo uma perspectiva de multiplicidade e ramificações. A linguagem poética e a linguagem filosófica são analisadas como linguagens entrelaçadas, desconstruídas em sua singularidade e recriadas de outras formas, as linguagens ramificadas, vistas enquanto possibilidade rizomática.

Assim como a linguagem é proposta como rizomática, depreendemos neste trabalho uma interpretação do poeta Fernando Pessoa como um poeta rizomático, alguém rico em suas identidades múltiplas em singularidade. Igualmente o poeta é rico em linguagens singulares em si, mesmo que sendo múltiplo em suas linguagens. Concebemos Fernando Pessoa como a personificação da multiplicidade.

Para fazer a relação: linguagem e multiplicidade nos utilizamos também do conceito de desconstrução de Derrida, conceito que apresenta, segundo nossa interpretação, perfeita relação com a multiplicidade proposta pelo conceito de rizoma. Visto que ambos os conceitos propõem à linguagem transgressão de barreiras linguísticas, e a “recriação” de possibilidades em si mesma.

Bem como tratamos dos conceitos de Atual e Virtual, propostos por Deleuze, os quais apresentam a teoria das multiplicidades. Tal conceito vem reafirmando a possibilidade da multiplicidade, propondo que a multiplicidade ocorre através da singularidade, e implica elementos atuais e elementos virtuais. Cada autor coloca uma “partícula” no lugar do atual (com suas imagens virtuais) e “percepções” no mesmo lugar (mas dessa vez com as lembranças no lugar do virtual). Dito de outra forma, cada leitura é uma transgressão do que fora por outro interpretado.

Como um todo, temos a análise do poema O Guardador de Rebanhos, de Alberto Caeiro, segundo uma interpretação à luz dos conceitos de Deleuze e Guattari, do rizoma, do atual e do virtual e de toda a intensidade dos devires.

1 RELACIONANDO POESIA E FILOSOFIA: CAEIRO E OS DEVIRES

Fernando Pessoa certamente é um dos escritores mais estudados em todo o mundo, com uma vasta obra publicada em vida e grandes obras descobertas postumamente. Estudos do ano de 1990 apontavam para 72 personalidades literárias diferentes - de acordo com o censo realizado pela escritora portuguesa Teresa Rita Lopes (1990, p.1-151), uma autoridade em Pessoa -; aos quatro principais heterônimos deve ser somado o trabalho de outros 68 personagens, muitos deles apenas esboçados por Lopes¹. Recentemente, no ano de 2012, o brasileiro e

¹A seguir temos alguns dos heterônimos e suas respectivas opções quanto ao gênero de escrita, segundo a estudiosa: Dr. Pancrácio, jornalista de “A palavra” e de “O palrador” (o primeiro jornal elaborado por Pessoa), contista, poeta e charadista; Luís António Congo, colaborador de “O palrador”, cronista e apresentador de Eduardo Lança; Eduardo Lança, colaborador de “O palrador” e poeta luso-brasileiro; A. Francisco de Paula Angard, colaborou com o “O palrador”, autor de textos científicos; Pedro da Silva Salles ou Pad Zé, colaborador de “O palrador”, autor e diretor da secção de anedotas; José Rodrigues do Valle (Scicio), colaborador de “O palrador”, charadista e dito diretor literário; Pip - colaborador de “O palrador”, poeta humorístico, autor de anedotas e charadas, predecessor neste campo de Dr. Pancrácio; Dr. Caloiro, colaborador de “O palrador”, jornalista-repórter de “A pesca das pérolas”; Morris & Theodor, colaborador de “O palrador”, charadista; Diabo Azul, colaborador de “O palrador”, charadista; Parry, colaborador de “O palrador”, charadista; Gallião Pequeno, também colaborador de “O palrador”, charadista; Accursio Urbano, colaborador de “O palrador”, charadista; Cecília, colaboradora de “O palrador”, charadista; José Rasteiro, colaborador de “O palrador”, autor de provérbios e adivinhas; Tagus, colaborador no Natal Mercury (Durban); Adolph Moscow, colaborador de “O palrador”, romancista, autor de “Os Rapazes de Barrowby”; Marvell Kisch, autor de um romance divulgado em “O Palrador”, cujo título é “A Riqueza de um Doido”; Gabriel Keene, também autor de um romance anunciado em “O Palrador”, “Em Dias de Perigo”; Sableton-Kay, autor de um romance anunciado em “O Palrador”, “A Lucta Aerea”; Dr. Gaudêncio Nabos, diretor de “O Palrador”, jornalista e humorista anglo-português; Nympha Negra, colaborador de “O Palrador” e charadista; Professor Trochee, autor de um ensaio humorístico de conselhos aos jovens poetas; David Merrick, poeta, contista e dramaturgo; Lucas Merrick, contista; Willyam Links Esk, personagem de ficção que assina uma carta num inglês defeituoso (1905); Charles Robert Anon, poeta, filósofo e contista; Horace James Faber, ensaísta e contista; Navas - tradutor de Horace J. Faber; Alexander Search, poeta e contista; Charles James Search, tradutor e ensaísta; Herr Prosit, tradutor de “O Estudante de Salamanca de Espronced”; Jean Seul de Méluret, poeta e ensaísta em francês; Pantaleão, poeta e prosador; Torquato Mendes Fonseca da Cunha Rey, autor falecido de um escrito sem título que Pantaleão decide publicar; Gomes Pipa, anunciado como colaborador de “O Phosphoro” e da “Empresa Íbis” como autor de contos políticos; Íbis, personagem da infância que acompanha Pessoa até o fim da vida nas relações com os seus íntimos que sobretudo se exprimiu de viva voz, mas também assinou poemas; Joaquim Moura Costa, poeta satírico, militante republicano, colaborador de O Phosphoro; Faustino Antunes, A. Moreira, psicólogo, autor de um Ensaio sobre a Intuição; António Gomes, licenciado em filosofia, autor da Historia Cómica do Çapateiro Affonso; Vicente Guedes, tradutor, poeta, contista da Íbis, autor de um diário; Gervásio Guedes é autor de um texto anunciado “A Coroação de Jorge Quinto”, em tempos de O Phosphoro e da Empresa Íbis; Carlos Otto, poeta e autor do “Tratado de Lucta Livre”; Miguel Otto, possível tradutor de “Tratado de Lucta Livre”; Frederick Wyatt, poeta e prosador inglês; Alfred Wyatt, residente em Paris; Bernardo Soares, poeta e prosador; António Mora, filósofo e sociólogo, teórico do Neopaganismo; Sher Henay, compilador e prefaciador de uma antologia sensacionalista em inglês; Ricardo Reis, neoclássico, racionalista e semipagão; Álvaro de Campos, futurista, neurótico e angustiado; Barão de Teive, prosador, autor de “Educação do Stoico” e “Daphnis e Chloe”; Maria José, escreve e assina “A Carta da Corcunda para o Serralheiro”; Abílio Quaresma, personagem de Pêro Botelho e autor de contos policiais; Pero Botelho, contista e autor de cartas; Efbeedee Pasha, autor de “Stories” humorísticas; Thomas Crosse, inglês de pendor épico-ocultista, divulgador da cultura portuguesa; I.I. Crosse, coadjuvante do irmão Thomas na divulgação de Campos e Caiiro; A.A. Crosse,

estudioso de Fernando Pessoa José Paulo Cavalcanti Filho revelou um total de 127 heterônimos.

Cavalcanti Filho tinha como objetivo, quando iniciou seus estudos, encontrar o "homem real" por trás de Pessoa. Após oito anos de pesquisa, o autor e advogado pernambucano acabou deparando-se não com um, mas com 127 "Pessoas".

Durante os oito anos de pesquisa, Cavalcanti foi cerca de quatro vezes por ano a Portugal; buscando e analisando centenas de documentos, entrevistando parentes e pessoas que conviveram com Pessoa. Devido a seus estudos, afirma que tudo o que Pessoa escreveu "estava realmente à volta dele. Não tinha nada inventado." Cavalcanti cita o exemplo de "Tabacaria": segundo ele, o poema menciona cinco personagens que realmente existiram e eram próximos do poeta português.

Cultivar mistérios fazia parte do estilo de Pessoa, e isso também Cavalcanti incorporou. O biógrafo partiu dos estudos de 1990 e acrescentou 55 heterônimos, apresentando suas excentricidades e montando umas das principais coleções sobre vida e obra de Pessoa. Destacamos, entre as peculiaridades do autor, que o conceito de heterônimo adotado por Cavalcanti Filho (2011, p.79) é amplo e não se restringe à definição padrão: "nome imaginário que um criador identifica como o autor de suas obras e que apresenta tendências diferentes das desse criador". Dessa, forma o escritor inclui todos os nomes, tendo estilo próprio ou não, com os quais o poeta assinou seus textos. Tal decisão pode ser contestada, mas a intenção de Cavalcanti nunca foi fazer uma biografia convencional.

O fenômeno da heteronímia dissecou a pessoa do poeta em máscaras de poesia, levando ao aparecimento de estilos e estéticas diferentes, revistas e aumentadas, como podemos ver, por exemplo, na obra de Massaud Moisés, *O Espelho e a Esfinge* (1988), em que o autor se dedica ao estudo da controversa questão dos heterônimos.

Nessa direção, propomos aprofundar-nos em uma possível explicação do que são os heterônimos; para tanto, o arcabouço teórico busca trazer estudiosos de Pessoa no Brasil. No fim dos anos 60, a obra de Fernando Pessoa experimentava expressiva visibilidade na cultura ocidental; o destaque de Pessoa no Brasil deveu-se, sobretudo, aos estudos críticos e de divulgação entre os conhecedores do poeta,

charadista e cruzadista e Alberto Caeiro, o camponês sábio que será tema deste trabalho. Além destes, outros foram descobertos recentemente.

como: Fernando Segolin, Massaud Moisés, Carlos Filipe Moisés, Maria Lúcia dal Farra, José Basílio Quesado e Wilma Areas, e Haquira Osakab.

O professor de crítica literária da PUC-SP e especialista em Fernando Pessoa, Fernando Segolin (2012), explica em uma entrevista cedida à Agência Brasil que o enigmático poeta desperta interesse no leitor porque escreve acerca do cotidiano sob diversas visões sobre o mundo:

Se deve a essa dimensão terna e por outro lado angustiada e consciente da contradição humana. E é um homem que fala também dos nossos pequenos dramas do dia a dia. Ele sempre foi durante toda sua vida um homem extremamente comum, que andava pelas ruas de Lisboa e trabalhava como correspondente comercial. E no instante em que ele percebeu que, na verdade, através da poesia, ele poderia oferecer ao mundo uma visão multifacetada, é que faz dele um grande poeta. (SEGOLIN, 2012, p. 7)

O pesquisador supracitado é um dos estudiosos mais respeitados no Brasil e no exterior. Autor de “Fernando Pessoa: poesia, transgressão e utopia”, ele enxerga a poesia do português como uma busca pela transgressão, um gesto transgressor em forma de poesia, e afirma que o poeta

[...] continua a ser atual ao se apresentar múltiplo, ele tem essa consciência de que a linguagem não serve e também essa nostalgia do outro - um sentimento que nós vivemos hoje intensamente. Porque a linguagem como nós a vivemos atualmente é uma forma de perder o outro. A preocupação não é conquistar, mas sim afastar o outro, basta ligar a TV e observar a lavagem cerebral, a linguagem utilizada. (SEGOLIN, 2012, p. 7)

O estudioso, em entrevista à revista Educar para Crescer (2012, p. 7), conta um pouco de como ele crê que se dava a imaginação do poeta:

Fernando Pessoa diz que o dia triunfal de sua vida como criador foi o 8 de março de 1914, ele escreveu isso em uma carta ao amigo Adolfo Casais Monteiro, professor de língua portuguesa que depois veio para o Brasil, eu o conheci por aqui... Pessoa diz que acordou inspirado naquele dia e escreveu durante horas à mão; em primeiro lugar, surgiu o Caeiro, que redigiu quase todos os 40 e tal poemas de "O Guardador de Rebanhos", isso, de uma tacada só. Depois, Pessoa diz ter se cansado de Caeiro, ficou irritado com aquela poesia que falava muito da natureza, e, para contrapor, escreveu seis poemas de "Chuva Oblíqua", de cunho futurista - poesia de Pessoa, ele mesmo. Nela, o poeta procurou criar, com uma linguagem fragmentada, um cenário especial, usando a técnica curiosa que associa, por meio do verbo de ligação, sujeito com atributos inadequados. O resultado? Uma poesia cinematográfica, caso do poema II, "Ilumina-se a igreja por dentro da chuva deste dia, e cada vela que se acende é mais chuva a bater na vidraça.... Alegria-me ouvir a chuva porque ela é o templo estar aceso, e as vidraças da igreja vistas de fora são o som da chuva ouvido por dentro...". Pessoa usou reticências nesse poema para marcar a ausência de conexão lógica. Naquele dia de março, porém, ele ainda escreveu "Ode Triunfal", de Álvaro de

Campos, onde exaltou o mundo moderno, feito de máquinas e grandes conquistas.

Segundo a interpretação de Haquira Osakabe no livro “F.P Entre Almas e Estrelas” (2013), a imaginação de Pessoa se esboça entre passeios e paisagens de Lisboa, especificamente do bairro Campo d’Ourique. O conhecimento pessoal, o convívio, a amizade, um sentimento íntimo era decisivo, o Pessoa que ele afirma como essência é um poeta da vida interior, suficiente em sonhos e avesso ao mundo contemporâneo. Ainda de acordo com o pesquisador, um texto chave para a compreensão desse viés interpretativo é “O marinheiro” (1912), que conta a história de três irmãs que, enquanto velam a quarta delas, vão repassando a história de um marinheiro náufrago que sonha com sua cidade natal e também a modificá-la, com a gradual entrada de novos elementos de sua imaginação. Em certo instante do velório, surge a suspeita pessoana se as irmãs não seriam parte do sonho do marinheiro.

Conforme Osakabe (2013), o heterônimo determinante para se compreender a obra pessoana é Bernardo Soares, o qual se dedica a explicar o inexistente, a criar uma “inquietante multiplicidade de irrealidades (...) verdadeiras” (Pécora, 2013). Nesses termos, Osakabe (2013) pensa Pessoa fundamentalmente como uma “função demiúrgica”, de criador de mundos e mitos.

Se por um lado temos, para o pesquisador, o heterônimo Bernardo Soares como figura de fundamental importância, há outros estudiosos no Brasil que se dedicam a outros heterônimos. Um desses estudiosos é Moisés, para quem “Alberto Caeiro é considerado o mestre dos demais heterônimos, uma vez que nele reside uma simplicidade que é perseguida pelas outras criaturas pessoanas. É o poeta que se volta para o campo, já que este é o lugar para a busca da felicidade e o encontro com a essência da vida” (MOISÉS, 2008, p. 334).

Moisés (2008) mostra um lado de Caeiro que optamos por investigar, uma face voltada para o sentir, que é o de simplesmente viver como os elementos da natureza; e como estes, não impondo o nosso pensamento sobre tudo o que vivemos. Caeiro está entre os principais heterônimos criados por Fernando Pessoa, que foram, a saber: Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos. A obra de Alberto Caeiro influenciou os poemas dos outros três. Como atesta Octavio Paz (1990, p. 209): “Alberto Caeiro, meu mestre. Esta afirmação é a pedra de toque de toda a sua obra. E poderia acrescentar-se que a obra de Caeiro é a única afirmação feita por Pessoa. Caeiro é o sol e em torno dele giram Reis, Campos e o próprio Pessoa”.

Para tanto, iniciamos falando de F.P “ele mesmo” (conhecida como poesia ortônima) e, a seguir, sobre alguns heterônimos. Sobre a relação de Pessoa com os heterônimos, o poeta diz: “não há que buscar em quaisquer deles ideias ou sentimentos meus, pois muitos deles exprimem ideias que não aceito, sentimentos que nunca tive” (Pessoa, 1974, p. 87). Fernando Pessoa, pessoalmente, espiritualista, ocultista, nacionalista e racionalista, difere dos poetas ateus, materialistas, apátridas e irracionais a que deu vida. Podemos dizer que o surgimento dos “eus” poéticos permite criar um “eu” que seja capaz de sentir e transcrever o sentir estilisticamente de uma forma sempre “singular” e, ao mesmo tempo, impossibilita a noção de unidade entre um eu que sente e um eu que pensa. Dito de outra forma, o “eu” de qualquer ente que minimamente se autoanalisa e percebe, é sempre duplo:

De quem é o Olhar
De quem é o olhar
Quando penso que vejo,
Quem continua vendo
Enquanto estou pensando?

O trecho acima exprime como ocorre a multiplicidade, porque os atos de pensar e ver não ocorrem junto, visto que quando ocorre o pensar o ato de ver é interrompido.

Por que caminhos seguem,
Não os meus tristes passos,
Mas a realidade
De eu ter passos comigo?
Que espreita por meus olhos?

O múltiplo é percebido aqui quando o eu lírico sente passos junto aos seus, que não são seus e que ao mesmo tempo espreitam por seus olhos:

Às vezes, na penumbra
Do meu quarto, quando eu
Por mim próprio mesmo
Em alma mal existo,

Toma um outro sentido

Em mim o Universo —
 É uma nódoa esbatida
 De eu ser consciente sobre
 Minha ideia das coisas.

Por um instante, em meio a nódoa esbatida, o eu lírico torna-se consciente sobre o universo múltiplo em si, sobre suas ideias e o fato delas serem além daquilo que se vê:

Se acenderem as velas
 E não houver apenas
 A vaga luz de fora —
 Não sei que candeeiro
 Aceso onde na rua —
 Terei foscas desejos
 De nunca haver mais nada
 No Universo e na Vida
 De que o obscuro momento
 Que é minha vida agora!

Ver o Universo interior é perceber que há mais que a luz do exterior, o que a luz vaga do exterior mostra é uma possibilidade, pois há também a luz interna. E compreender que há mais que nossos olhos veem, que há mais que aquilo que sabemos, ou seja, que nunca saberemos tudo; e isso significa perceber a imensa escuridão na qual está inserido o eu lírico.

Um momento afluyente
 Dum rio sempre a ir
 Esquecer-se de ser,
 Espaço misterioso
 Entre espaços desertos
 Cujo sentido é nulo
 E sem ser nada a nada.
 E assim a hora passa
 Metafisicamente.

(Poema Cancioneiro - PESSOA, 1942, p. 64)

Para finalizar o poema o eu lírico mostra-se como afluyente, um afluyente entre tantos num rio que sempre está a ir e esquecer-se de ser a unidade e compreender os espaços desertos possíveis de serem preenchidos por múltiplas possibilidades, ser muitos sendo um. Ser heterônimos, ser muitos em um Pessoa só.

Pessoa apresenta uma relação singular com cada heterônimo: influências, desacordos e amizades. Em relação a Alberto Caeiro, afirma: “aparecera em mim o meu mestre” (Pessoa, 2005, p.96), a ideia central caeiriana de que as sensações são as premissas do mundo guiará a conduta de outros poetas. Álvaro de Campos lembra a primeira conversa que teve com seu mestre e os detalhes do encontro com ele. Ricardo Reis troca uma série de cartas sobre composição poética com o Caeiro, impulsionado pela divergência teórica que tem.

Os heterônimos de F.P têm existências, opiniões e modos de pensar e sentir independentes, diferentes e também contrários aos de Fernando Pessoa. Este chega a reconhecer que “[...] em tudo isto me parece que não fui eu, criador de tudo, o menos que ali houve” (Pessoa, 1974, p. 97). Esses “outros” são tão fictícios e reais quanto Fernando Pessoa; suas vidas têm problemas, tensões, dramas e influenciam e são influenciados por Pessoa.

Há no mundo diversos estudiosos de Pessoa; uma parte dos estudiosos interpreta o desdobramento de Pessoa como o resultado da multiplicação de um eu. É exemplo disso o primeiro editor e amigo de Pessoa João Gaspar Simões, sua obra “Vida e Obra de Fernando Pessoa” é ilustrativa deste primeiro “tipo” de crítica.

Em uma outra vertente, temos trabalhos como o da brasileira Leyla Perrone-Moisés. Segundo a autora, os

[...] eus-postiços não são o efeito de uma explosão para fora, como se fossem um acréscimo ao eu, mas, “preenchendo” interior, resultado de uma falta ontológica: o processo heteronímico não é o resultado de uma abundância, mas de uma ausência. Para ela, o não ser e o excesso de desejo, ao contrário de permitirem uma reunião de eus que atendessem essas demandas, provocam uma dispersão sem volta, sendo o poeta eminentemente um “sujeito vazio”. Segundo a autora, os heterônimos “não são fruto de uma rica imaginação tão-somente artística, ou a prova da versatilidade do Poeta, mas os cobrimentos de uma falha” (MOISÉS, 1982, p. 73).

Perrone-Moisés (1982) não apresenta uma interpretação de base identitária, mas compreende, segundo nossa interpretação, o processo criativo a partir de uma noção de sujeito (uma teoria psicanalítica) e, num segundo momento, o trabalho estilístico e intelectual do próprio poeta. Entretanto, entendemos a escrita de Pessoa

como uma escrita insistente e detalhada, como uma busca pelas diferentes possibilidades de conceber a existência e não como o resultado de uma falta.

Para pensar na forma como um dos heterônimos concebe o artista e a escrita do poeta, podemos citar Bernardo Soares, este afirma que “há dois tipos de artista: o que exprime o que não tem e o que exprime o que sobrou do que teve” (Pessoa, 1999, p. 230). Neste sentido, dentro da concepção de fabricar emoções e exprimir o que sobrou do que já se tem em si, podemos destacar os escritos de Ferreira Gullar sobre Pessoa e os heterônimos, visto que em sua teoria Gullar relaciona Pessoa com a dramaticidade (enquanto gênero), porque em Pessoa há uma existência real do sentir.

Segundo Gullar (1996), a diferença entre um heterônimo e uma personagem “é que esta última participa de uma situação dramática, isto é, apresenta um contexto de existência”, e segue afirmando que Pessoa

[...] desde cedo, percebe que não consegue viver; ele é que se sente como inexistente, como uma passividade que quase nada pode, a não ser se multiplicar em personagens fictícios; [...] pode-se questionar se Fernando Pessoa era um poeta dramático, como ele se definiu, mas um personagem dramático, isso ele o foi seguramente. (GULLAR, 1996; p.01)

Para o poeta acima mencionado, portanto, os heterônimos não são personagens porque não estão inseridos em um enredo dramático de vida e este é o fato pelo qual Pessoa merece destaque, pela capacidade de viver (e escrever) emoções que não têm um contexto encenado, a imaginação (o sentir) é sua maior intensidade. O grande poeta português chega a afirmar que “Algumas teorias, que o autor presentemente tem, foram-lhe inspiradas por uma ou outra destas personalidades que, um momento, uma hora, uns tempos, passaram consubstancialmente, pela sua própria personalidade, se é que esta existe” (PESSOA, 1974, p. 82). F.P confunde-se com os heterônimos, não é possível dizer onde um acaba e outro começa, há uma mútua influência, os heterônimos existem de forma independente e própria, se formam e ganham vida a partir dessa diferenciação existencial e estilística; formação esta que permite um “diálogo entre iguais”. Desta forma, podemos conceber os heterônimos e F.P como tendo uma relação de reciprocidade, reciprocidade de criador e criatura, inventor e inventado. Assim, devido às diferentes linhas e interligações, é possível relacionar os heterônimos com o conceito de rizoma, pois em ambos não há começo ou fim. Há em Fernando Pessoa uma espécie de horror ao definido e ao definitivo:

Não posso evitar o ódio que têm meus pensamentos de ir até o fim: a respeito de uma simples coisa, surgem dez mil pensamentos e milhares de interassociações com esses dez mil pensamentos, e careço de vontade de eliminá-los ou detê-los, nem tampouco de reuni-los num pensamento central, onde os seus pormenores sem importância, mas associados, podem se perder. Introduzem-se em mim: não são pensamentos meus, mas pensamentos que passam através de mim. Não pondero, sonho; não me sinto inspirado, deliro. [...] por não se saber quem é nem quantos é nem mesmo se é, [...] ele se projetou nesses personagens fictícios, que usam de sua mente e de seu corpo para existir ou, pelo menos, para pensar e escrever. Mas se pode dizer também que é ele que os usa para assim assumir de modo efetivo as diferentes possibilidades de entendimento e indagação da existência que se oferecem à sua vertiginosa e comovida lucidez. (GULLAR, 1996, p. 1)

Assim como havia em F.P um horror pelo definitivo, também não há o definitivo nos estudos acerca de suas obras, mas inúmeras possibilidades de interpretação.

Para Carlos Felipe Moisés², a poesia ainda sobrevive, mesmo em tempos de penúria, crise e decadência, porque a poesia é a forma de criar um vigor redobrado, uma forma do homem se posicionar diante do mundo. Vê de forma curiosa como Fernando Pessoa, que não teve conhecimento de Heidegger, pensa da mesma forma que ele, o que nos leva a destacar a relação da poesia de Pessoa com a filosofia; a enfatizar a forma como F.P filosofava acerca da existência do ser.

Em 1913, Pessoa defendeu a tese do supra Camões: exatamente porque Portugal estava em franca decadência, política, econômica e moral, isso faria surgir, em breve, o seu poeta máximo, superior a Camões. Acho que a poesia não tem nada a temer da racionalização, ainda que exacerbada. Razão e poesia caminham de mãos dadas, desde sempre. Mas se por trás da racionalização detectarmos a entronização do utilitarismo, do consumismo e da leviandade, aí sim estaremos diante de penúria ou decadência. Então será preciso recorrer ao pensamento otimista de visionários como um Pessoa: ao contrário do que possa parecer, a racionalização exacerbada, essa racionalização deturpada, que pode ser sinônimo de decadência, será só um motivo a mais para que a poesia sobreviva. E nos ajude a sobreviver. (Felipe Moisés em entrevista a Regina Gullar, 1999)

Moisés enxerga essa relação entre filosofia e poesia como uma forma do poeta se colocar diante do mundo, expor a si mesmo e o mundo que o cerca, e partindo desta relação singular de filosofar com os versos poéticos de Pessoa nos debruçamos sobre os conceitos de Deleuze e Guattari, realizando um diálogo poético-filosófico.

² Estudioso brasileiro de Fernando Pessoa.

Para perceber a construção poética de sentidos dos poemas de Caeiro buscaremos fazer uma aproximação da obra do autor com as ideias, conceitos de Deleuze e Guattari (1992). Estes, escritores franceses que buscam conexões entre a filosofia e o seu fora, e, também, que procuram uma liberdade através da experimentação criando aberturas no funcionamento do coletivo, afirmam que “criar conceitos sempre novos é o objetivo da filosofia” (1992, p.13); contudo, ressaltam que “um conceito tem sempre a verdade que lhe advém em função das condições de sua criação” (DELEUZE E GUATTARI, 1992, p. 40). Portanto, fica claro que nosso objetivo é a experimentação de sentidos possíveis entre a obra poética de Caeiro e os conceitos filosóficos citados, para que ambos passem a ter uma significação devido a sua conexão, gerando, assim, novas ramificações.

2 A POÉTICA DO DEVIR

O Guardador de Rebanhos é composto por 49 poemas escritos numa noite de insônia e, segundo o próprio posfácio, a obra “Era como a voz da terra, que é tudo e ninguém”, é um exemplo da linguagem simples, sem recorrer a metáforas ou a outras figuras de linguagem, mas não deixa de ser um poema complexo, que busca e questiona o sentido da vida e do mundo e leva o leitor a se interrogar. O seu mundo simples torna-se complexo, permitindo diferentes interpretações. Paradoxalmente à simplicidade e a aparente negação do pensar, o eu lírico obriga o leitor a refletir sobre o mundo que o cerca, privilegiando o livre pensamento e sem rigores formais.

F.P explicou a vida do “mestre de todos” contando que ele nasceu em Lisboa, mas viveu quase toda a sua vida no campo. Não teve profissão devido ao fato de ter somente instrução primária; cedo faleceram o pai e a mãe, passando a morar com uma tia avó.

De estatura média, frágil, loiro com olhos azuis, Caeiro é antimetafísico; é menos culto e complicado que Ricardo Reis, mais alegre e franco. Opta por escrever acerca da negação da metafísica e da valorização das sensações.

Analisando a frase “pensar é estar doente dos olhos” (PESSOA,1983; p.139) podemos afirmar que o poeta enxerga a infância como sinônimo de pureza, inocência e simplicidade, porque a criança não pensa. A criança não é capaz de fazer raciocínios como os adultos, e isso a torna menos “doente dos olhos”. Assim como compreendemos que há para o poeta certo incômodo de pensar, associado à tristeza; mesmo que não queira pensar, pois, segundo ele, a natureza é para usufruir e não para pensar; mas não o consegue evitar. Seu verdadeiro desejo é de despersonificação (de fusão com a natureza), tem verdadeiro amor pela vida e pela natureza e preocupação apenas com o presente.

Poeta da natureza, da vida rural, Caeiro acredita que a passagem do tempo não existe, são só vivências atemporais: o tempo é ausência de tempo. Alberto Caeiro apresenta-se como um simples “guardador de rebanhos”, que só vê de forma objetiva e natural a realidade, possuindo o desejo de integração com a natureza.

Para Caeiro, “pensar é estar doente dos olhos” (PESSOA,1983; p.139). Ver é conhecer e compreender o mundo e pensa vendo e ouvindo; “pensar é não compreender” (PESSOA,1983; p.139).

Caeiro é o poeta da natureza e enxerga sua constante renovação; como só existe a realidade, o tempo é a ausência de tempo, sendo que todos os instantes são a unidade do tempo, não há presente, passado ou futuro.

Caeiro é considerado por estudiosos como o mestre de Pessoa e dos outros heterônimos, sensacionista a quem só interessa o que capta pelas sensações, a intelectualidade do seu olhar volta-se para a contemplação. Seus poemas surgem a partir de matéria não poética, mas é o poeta da natureza e do olhar, o poeta da simplicidade completa, da objetividade das sensações e da realidade imediata, como o próprio poeta defende: “Para além da realidade imediata não há nada” (PESSOA, 1983, p.139).

Compreendemos que o poeta vê o mundo sem princípio nem fim, crê na “eterna novidade do mundo”. Segundo nossa interpretação para Caeiro o mundo é sempre diferente, sempre múltiplo; por isso, aproveita cada momento da vida e cada sensação em sua originalidade e simplicidade.

Para nós, ao ler os poemas de Caeiro é possível vê-lo como um poeta bucólico de espécie complicada, que vive no presente, não querendo saber de outros tempos e de impressões, é um poeta do real objetivo. Para ele, o importante é o envelhecer sem angústia, morrer sem desespero, fazer coincidir o ser com o estar; combate o vício de pensar, o ser uno e não fragmentado.

Algumas das principais características diferenciais do heterônimo são a antimetáfísica: “Há bastante metafísica em não pensar em nada” (PESSOA, 1983, p.140-141); e o panteísmo, para o qual Deus é tudo, as coisas são divinas, o que pode ser exemplificado no trecho: “Deus é as árvores e as flores/ E os montes e o luar e o sol. ” (PESSOA, 1983, p.140-141).

Apresenta a desvalorização do tempo enquanto categoria conceitual: “Não quero incluir o tempo no meu esquema”; condição paradoxal entre “teoria” e “prática”.

Caeiro é objetivo e busca a valorização das sensações, tal como elas são.

Alberto vê a realidade de forma objetiva e natural, aceitando-a exatamente como é, um mundo sem necessidade de explicações. Ele rejeita o pensamento metafísico porque “pensar é estar doente dos olhos” (PESSOA, 1983, p.139), o misticismo e o sentimentalismo social e individual.

O poeta apresenta inocência e sua relação com Pessoa (ortônimo) caracteriza-se em eliminar a dor de pensar.

Na relação de Caeiro com Pessoa, Campos e Reis, podemos destacar o regresso às origens, ao paganismo primitivo e à sinceridade plena; por não ter a educação que os demais apresentam, aquele escreve por inspiração mesmo que apresente características próprias dentro da filosofia de Caeiro, sendo antirreligião, antimetafísica e antifilosofia.

“Pensar é estar doente dos olhos” afirma Caeiro (1983; p.139). Essa era a premissa do poeta. A negação do pensamento, a busca do olhar anterior à linguagem, essa era a temática central da poesia de Caeiro, uma busca pelo impossível, em uma possível interpretação: uma busca pelo devir. E essa é a relação que vemos entre a poesia de Pessoa e a filosofia deleuze-guattarriana, uma busca pelo devir. Mas antes de aprofundar tal afirmação, é preciso pensar e analisar mais profundamente o conceito de “devir”.

Devir, segundo Deleuze e Guattari (2012, p. 11), é “uma espécie de experimentação potente de múltiplas intensidades”, o encontro do sujeito com a experimentação virginal, algo antes da palavra. Conforme Correa (2009), “o devir é o movimento de criação do próprio real, é processo de produção do real”, o real em toda a sua intensidade, o real indizível, ou seja, “Devir é um verbo tendo toda sua consistência, ele não se reduz a parecer”, nem ser”, nem equivaler”, nem produzir”” (DELEUZE E GUATTARI, 2012, p. 20), numa relação específica com a realidade, com o exterior.

Nesta intenção, citamos um trecho do poema O Guardador de Rebanhos, de Caeiro, que seguirá sendo analisado posteriormente. Este poema foi composto em uma noite de insônia, com 49 estrofes, e será analisado neste trabalho de forma não sequencial. Abaixo temos um trecho que, a nosso ver, mostra como o poeta Caeiro busca a experimentação do exterior como forma de realidade:

Seja o que for que esteja no centro do Mundo,
Deu-me o mundo exterior por exemplo de Realidade,
E quando digo “isto é real”, mesmo de um sentimento,
Vejo-o sem querer em um espaço qualquer exterior,
Vejo-o com uma visão qualquer fora e alheio a mim.

Ser real quer dizer não estar dentro de mim. (1983; p.174)³

Tanto no pensamento deleuze-guattariano como na poesia de Alberto Caeiro temos o “real” como uma experimentação “alheia a mim”, tanto que, para Deleuze e Guattari o devir é

[...] atingir um *continuum* de intensidades que só são válidas por elas próprias, encontrar um mundo de intensidades puras, em que todas as formas se desfazem assim como as significações e significados, em benefício de uma matéria não formada, de fluxos desterritorializados, de signos a-significantes. (DELEUZE E GUATTARI, 2003, p. 34)

E é nessa perspectiva que veremos as obras de Caeiro, num *continuum* de intensidades, *hecceidades*⁴; como o que se percebe no trecho do poema Criança Desconhecida:

Criança desconhecida e suja brincando à minha porta,
 Não te pergunto se me trazes um recado dos símbolos.
 Acho-te graça por nunca te ter visto antes,
 E naturalmente se pudesse estar limpa eras outra criança,
 Nem aqui vinhas.
 Brinca na poeira, brinca
 Aprecio tua presença só com os olhos.
 Vale mais a pena ver uma cousa sempre pela primeira vez que conhecê-la,
 Porque conhecer é como nunca ter visto pela primeira vez,
 Porque conhecer é como nunca ter visto pela primeira vez,
 E nunca ter visto pela primeira vez é só ter ouvido contar. (Pessoa, 1986, p.167-168)

O devir é o “aqui-agora”, o instante que prescinde de significações, o instante antes do pensar e de se obter significações, porque para o poeta não há filosofia que chegue a uma certeza, portanto não há filosofia da linguagem que expresse a existência; a existência é mais complexa do que aquilo que nós expressamos com as palavras. Ou simplesmente escapa das palavras, porque buscar explicar com a linguagem *hecceidades* pode dar a elas um significado que não lhes é inerente. No trecho acima vemos o devir como o instante em que se conhece, o instante que pode

³ Por questões metodológicas optamos por colocar OGR nas próximas citações do poema O Guardador de Rebanhos, de Caeiro.

⁴ “*hecceidades* quer dizer, individuações sem sujeito” (*Mil platôs*, vol.1, 1995, p.8)

ser colocado em palavras, ou pensamentos, é o décimo de segundo entre o não conhecer e o conhecer, entre o passado e o presente. A palavra não dá conta de explicar o mundo, porque ele é; e as palavras apenas buscam expressar o que os sentidos mostram, e, portanto, não há significação absoluta em nenhuma filosofia ou ciência, mas múltiplas possibilidades:

Qual a filosofia que chega a uma certeza maior?

Nenhuma, e nenhuma pode vir brincar nunca à minha porta.

No trecho acima, entendemos que o eu lírico valoriza os sentidos, o ver sem “pré-conceitos” formados, sem significações e sem que haja necessidade de dar significado, a intensidade é o ato de ver em si.

Para mim, graças a ter olhos só para ver,

Eu vejo ausência de significação e todas as cousas;

Vejo-o e amo-me, porque ser uma cousa é não significar nada.

Ser uma cousa é não ser susceptível de interpretação. (OGR, 1986, p.167-168)

No trecho acima lemos no fragmento “ser uma cousa é não ser susceptível de interpretação”, porque é a ausência de significações, ser é não significar e não ser; ver é deixar de enxergar significados já dados, porque ver é perceber a possibilidade da ausência de significados, não se pode buscar explicações para o “ser”, porque a característica intrínseca do ser é não significar nada, uma coisa deixa de “ser” através da linguagem, porque o “devir não produz outra coisa senão ele próprio” (DELEUZE E GUATTARI, 2012; p. 19), quando passa a ter uma explicação, essa interpretação torna-se (talvez, equivocadamente) maior que o “ser sem interpretação”. Para o poeta é preciso abandonar essa interpretação dada e intensificar a busca no ver unido à ausência de significações.

A noite desce, o calor soçobra um pouco.

Estou lúcido como se nunca tivesse pensado

E tivesse raiz, ligação direta com a terra (PESSOA, 1986, p. 174).

Do fragmento supracitado depreendemos que estar lúcido é não ter pensado, a lucidez é não haver pensado nas significações previamente dadas, mas ter uma relação direta com o mundo, a imanência das coisas existentes; o que se aproxima dos conceitos de Deleuze em *O atual e o virtual* (1996), pois este afirma que:

O plano de imanência compreende a um só tempo o virtual e sua atualização, sem que possa haver aí limite assimilável entre os dois. O atual é o complemento ou o produto, o objeto da atualização, mas esta não tem por sujeito senão o virtual. A atualização pertence ao virtual. A atualização do virtual é a singularidade, ao passo que o próprio atual é a individualidade constituída. O atual cai para fora do plano como fruto, ao passo que a atualização o reporta ao plano como àquilo que reconverte o objeto em sujeito. (DELEUZE, 1996, p. 51)

É possível perceber uma relação particular e única, indizível, inexprimível, relação que não passa pelo processo da razão, do pensamento e da linguagem.

Eles são ditos virtuais à medida que sua emissão e absorção, sua criação e destruição acontecem num tempo menor do que o mínimo de tempo contínuo pensável (DELEUZE, 1996, p. 49)

Dado o exposto, podemos dizer que é um processo inteiramente particular e sem analogias possíveis, visto que aproximar ou buscar interpretações é enganar-se, é buscar se aproximar das estrelas e constelações porque estar lúcido é a ligação direta, e

Não esta espécie de ligação de sentido, secundário observado à noite.

À noite quando me separo das cousas,

E me aproximo das estrelas ou constelações distantes

Erro: porque o distante não é próximo,

E aproximá-lo é enganar-me. (CAEIRO, 1983, p.174)

Depreendemos que uma ligação de sentido secundária é aproximar-se das coisas e querer que o distante se faça próximo, ver na busca de uma interpretação e não perceber que interpretar é enganar-se, dar sentido e significados que os objetos não têm em si, mas são dados na busca por enganarmos a nós mesmos.

Estou doente. Meus pensamentos começam a estar confusos

Mas o meu corpo, tirado às cousas, entra nelas

Sinto-me parte das cousas com.....

E uma grande libertação começa a fazer-se em mim,

Uma grande alegria solene como a de eu estar vem (CAEIRO, 1983, p.174)

Para Caeiro, estar doente é pensar, sentir as coisas é a verdadeira liberdade para o poeta, afectos e perceptos comandando a relação com o mundo, uma relação indivisível:

O atual e o virtual coexistem, e entram num estreito circuito que nos reconduz constantemente de um a outro. Não é mais uma singularização, mas uma individuação como processo, o atual e seu virtual. Não é mais uma atualização, mas uma cristalização. A pura virtualidade não tem mais que se atualizar, uma vez que é estritamente correlativa ao atual com o qual forma o menor circuito. Não há mais inassinalabilidade do atual e do virtual, mas indiscernibilidade entre os dois termos que se intercambiam. (DELEUZE, 1996, p. 54)

Para o autor supramencionado, o mundo da interioridade tem relação fundamental com o fora, uma relação de ajuste com um *continuum* de intensidades que gera um fluxo intensivo, uma corrente:

Nos dias certos, nos dias exteriores da minha vida,
 Nos meus dias de perfeita lucidez natural,
 Sinto sem sentir que sinto,
 Vejo sem saber que vejo,
 E nunca o Universo é tão real como então,
 Nunca o Universo está (não é perto ou longe de mim,
 Mas) tão sublimemente não-meu. (CAEIRO, 1983, p.175)

O virtual e o atual em Deleuze nos permitem apreender o mundo em seu caráter ideal de acontecimentos, “a experiência real em todas as suas particularidades” (heterogênese), ou, como afirma o eu lírico, “sentir sem sentir que sinto, ver sem saber que vejo”; o mundo e o ser como uno, a filosofia se confunde com a ontologia, esta se funde na univocidade do ser.

Assim, o natural, que prescinde significações, é o real; a intensidade da perfeita comunhão com o sentir e ver, a verdadeira relação com o exterior é a incapacidade de interrogar a relação com o exterior, mas vivê-la em toda sua intensidade, porque “Vivemos antes de filosofar, existimos antes de sabermos, e o primeiro fato merece ao menos a precedência e o culto” (Caeiro, 1983, p.175)

Podemos observar que viver de intensidades deve ser maior que questionar a existência; as filosofias e os saberes são plurais e múltiplos, suscetíveis de diversas interpretações, enquanto a vivência é. Como afirma Deleuze (1996, p. 17),

[...] o fluxo do sensível como conjunto das percepções irreduzível a um estado de coisas e conjunção das relações exteriores a seus termos. Assim, “se chamamos experiência à reunião das percepções distintas, devemos reconhecer que as relações não derivam da experiência; elas são o efeito dos princípios de associação [...] que, na experiência, constituem um sujeito capaz de ultrapassar a experiência.

Para Deleuze, o mundo da experimentação é o único com significações; por isso, conceitos pré-definidos dentro das filosofias não excluem a necessidade da experimentação, porque a experimentação é singular em significações. O mesmo afirma Caeiro com sua poesia:

Vivemos antes de filosofar, existimos antes de sabermos,
E o primeiro fato merece ao menos precedência ao culto.
Sim, antes de sermos interiores somos exteriores.
Por isso somos exteriores essencialmente. (CAEIRO, 1983, p.175-176)

Seguindo na relação interior e exterior, podemos continuar com os conceitos de Deleuze, pois segundo este autor (1996, p. 27) “o interior não é mais que um exterior selecionado e o exterior um interior projetado”. Desse modo, ser é maior que qualquer filosofia. A relação de intensidades, os perceptos e afectos que geram o Devir são a realidade, o real em toda sua intensidade porque, como coloca Caeiro:

Todas as opiniões que há sobre a natureza
Nunca fizeram crescer uma erva ou nascer uma flor.
Toda a sabedoria a respeito das cousas
Nunca foi cousa que pudesse pegar, como nas cousas;
Se a ciência quer ser verdadeira,
Que ciência mais verdadeira que a das cousas sem ciência?
Fecho os olhos e a terra dura sobre que me deito
Tem uma realidade tão real que até as minhas costas a sentem
Não preciso de raciocínio onde tenho espáduas. (CAEIRO, 1983, p. 176)

Para o eu lírico, somente o real tangível por efeito natural é que pode ser sentido, este é que tornará verdadeira a existência. O raciocínio impedirá de sentir o total e absoluto, o raciocínio impedirá a totalidade da experiência do real.

Dizes, filósofo doente, filósofo enfim, que isto é materialismo.
Mas isto como pode ser materialismo, se materialismo é uma filosofia,

Se uma filosofia seria, pelo menos sendo minha, uma filosofia minha,
E isto nem sequer é meu, nem sequer sou eu? (CAEIRO, 1983, p.174-175)

Depreendemos que o pensamento não pode ser alguém, porque ser e pensar não permitem o mesmo instante. O pensar é possível somente quando se interrompe o ser. O devir-instante precisa ser bloqueado para que o pensamento surja, este filosofar é a relação do ser com a reflexão acerca da existência e não a existência em si, pois ser não permite reflexões instantâneas, somente no instante seguinte ao ser é que é possível questionar. Vejamos no seguinte fragmento a forma como Caeiro encara a existência:

Vive, dizes, no presente

Vive só no presente.

Mas eu não quero o presente, quero a realidade;

Quero as cousas que existem, não quero o tempo que as mede.

O que é o presente?

É uma coisa relativa ao passado e ao futuro.

É uma coisa que existe em virtude de outras cousas existirem.

Eu quero só a realidade, as cousas sem presente. (CAEIRO, 1983, p. 178-179)

A existência tem intrínseca relação com o tempo no mundo real, onde existir só é possível quando o tempo é recordado e datado pelo homem. O poeta Caeiro fala da relação do tempo, de como o tempo não existe em si, mas é algo criado segundo o pensamento humano, já que em si o tempo não existe, o que existe é o Devir do momento “aqui-agora”, e não um presente com sua relação com momentos já idos e outros por vir. O presente enquanto tempo também é conjectura, só o instante “já” existe. Deleuze, ao argumentar sobre o atual e o virtual, também opera na compreensão do tempo de forma semelhante; para ele:

Os dois aspectos do tempo, a imagem atual do presente que passa e a imagem virtual do passado que se conserva, distinguem-se na atualização, tendo simultaneamente um limite inassinalável, mas intercambiam-se na cristalização até se tornarem indiscerníveis, cada um apropriando-se do papel do outro [...]. A relação do atual com o virtual constitui sempre um circuito, mas de duas maneiras: ora o atual remete a virtuais como a outras coisas em vastos circuitos, onde o virtual se atualiza, ora o atual remete ao virtual como a seu próprio virtual, nos menores circuitos onde o virtual cristaliza com o atual. O plano de imanência contém a um só tempo a atualização como relação do virtual com outros termos, e mesmo o atual como termo com o qual o virtual se intercambia. (DELEUZE, 1996; p. 55-56)

Dito de outra forma, o presente é um tempo contínuo, isto é, um movimento numa única direção e o presente que passa é o que define o tempo atual. Mas o virtual aparece num tempo menor do que aquele que mede o mínimo de movimento numa direção única, o virtual é “efêmero”. Entretanto, é no virtual que o passado se conserva, já que o efêmero não cessa de continuar. O tempo menor do que o mínimo de tempo contínuo pensável é também o mais longo tempo.

O presente passa (em sua escala), ao passo que o efêmero conserva e conserva-se (na sua escala). Os virtuais comunicam-se imediatamente por cima do atual que os separa. Os dois aspectos do tempo, a imagem atual do presente que passa e a imagem virtual do passado que se conserva, distinguem-se na atualização, tendo simultaneamente um limite inassinalável, mas intercambiam-se na cristalização até se tornarem indiscerníveis, cada um apropriando-se do papel do outro. (DELEUZE E PARNET, 1996, p. 124)

E como afirmou o filósofo, segue também o eu lírico falando de como o tempo é o efêmero, o instante “aqui-agora” das coisas, de como vê-las é criar presentes a cada instante, atualizações:

Não quero incluir o tempo no meu esquema
 Não quero pensar nas cousas como presentes; quero pensar nelas como cousas.
 Não quero separá-las de si-próprias, tratando-as por presentes.
 Eu nem por reais as devia tratar.
 Eu não as devia tratar por nada.
 Eu devia vê-las, apenas vê-las;
 Vê-las até não poder pensar nelas,
 Vê-las sem tempo nem espaço,
 Ver podendo dispensar tudo menos o que se vê.
 É esta a ciência de ver, que não é nenhuma. (CAEIRO, 1983, p. 178-179)

No fragmento acima, o eu lírico quer ver e mesmo afirmando dispensar tudo, exceto o que se vê, ele expressa o que vê com as palavras, deixando o instante efêmero se tornar eterno através da escrita, através da palavra, questionando, assim, a poesia em si mesma.

Uma das mais significativas abordagens da poesia está no trecho XIV de O Guardador de Rebanhos (ANEXO), onde o eu lírico expressa sua forma de conceber a poesia. Como citado anteriormente, o poema inteiro foi composto em uma noite de

insônia, tendo 49 estrofes, aqui sendo analisado de forma não sequencial; a seguir temos a XIV estrofe, onde o eu lírico comenta acerca de sua relação com os poemas:

Não me importo com as rimas. Raras vezes
Há duas árvores iguais, uma ao lado da outra
Penso e escrevo como as flores têm cor
Mas com menos perfeição no meu modo de exprimir-me
Porque me falta a simplicidade divina
De ser todo só o meu exterior.

Olho e comovo-me
Comovo-me como a água corre quando o chão é inclinado,
E a minha poesia é natural como o levantar-se vento...

Nesses versos, percebemos que há preocupações que demonstram a necessidade de transmitir informações da forma mais clara e objetiva possível, em que metáforas são evitadas e o presente do indicativo reforça que somente o aqui e agora são “reais”, o devir intenso carregado de sensações não pode ser no passado e nem no futuro, até porque nem mesmo o presente pode ser transcrito em sua totalidade; como dito antes, o presente é efêmero.

Podemos observar como a exterioridade é o foco, louvação do físico e do existente concreto em sensações em devir-intenso, transformando e reconstruindo a relação constante entre o atual e o virtual:

[...] re-construir a imanência substituindo as unidades abstratas por multiplicidades concretas, o É de unificação pelo E enquanto processo ou devir (uma multiplicidade para cada coisa, um mundo de fragmentos não-totalizáveis comunicando-se através de relações exteriores). (DELEUZE, 1996, p.19)

De acordo com o filósofo, a imanência do instante presente está sendo multiplicada e tornando-se virtual e eterna; os virtuais comunicando-se imediatamente por cima do atual que os separa; a imagem atual do presente que passa e a imagem virtual do passado que se conserva distinguem-se na atualização constante. Nos fragmentos abaixo, observamos:

Primeiro prenúncio de trovada de depois de amanhã

As primeiras nuvens, brancas, pairam baixo no céu mortiço,
 Da trovoadas de depois de amanhã?
 Tenho a certeza, mas a certeza é mentira
 Ter certeza é não estar vendo.
 Depois de amanhã não há
 O que há é isto:
 Um céu de azul, um pouco baço, umas nuvens brancas no horizonte,
 Com um retoque de sujo embaixo como se viesse negro depois.
 Isto é o que hoje é,
 E, como por enquanto é tudo, isto é tudo. (CAEIRO,1983, p.179)

Para o poeta, o amanhã não existe, porque só o vivível agora é real, o passado e o futuro são possibilidades não visíveis. A certeza é mentira, é algo que não existe, é um pensamento, ter certeza é não estar vendo e ver dispensa o pensar sobre a certeza porque simplesmente é. Deleuze e Guattari (1996, p.338) “o sistema não deve apenas estar em perpétua heterogeneidade, ele deve ser uma heterogênesse, o que, parece-me, nunca foi tentado, uma experiência intensa do atual carregada de particularidades”. Na relação entre pensar e sentir podemos encontrar uma continuidade do pensamento de Deleuze e Guattari no poema OGR quando lemos:

A neve pôs uma toalha calada sobre tudo.
 Não se sente senão o que se pensa dentro de casa.
 Embrulhei-me num cobertor e não penso sequer em pensar.
 Sinto um gozo de animal e vagamente penso,
 E adormeço sem menos utilidade que todas as ações do mundo. (CAEIRO,1983, p.180)

Visto que no trecho acima o eu lírico fala da relação entre pensar e sentir, amar torna o sentir diferente, porque amar é pensar, quase se esquecer de sentir tanto pensar, amar é sair da realidade do ver e estar em constante sonho, do qual não consegue acordar. O poeta ainda destaca:

[...] Faço pensamentos com a recordação do que ela só é quando me fala,
 E em cada pensamento ela varia de acordo com a sua semelhança
 Amar é pensar.
 E eu quase me esqueço de sentir só de pensar nela
 Tenho uma grande distração animada.

Quando desejo encontrá-la
 Quase que prefiro não a encontrar,
 Para não ter que deixar depois.
 Não sei bem o que quero, nem quero saber o que quero. Quero só
 Pensar nela.
 Não peço nada a ninguém, nem a ela, senão pensar. (CAEIRO, 1983, p.164)

Compreendemos que o eu lírico afirma que amar é pensar, não sentir. Porque o desejo é enorme em estar com ela, e ao estar com ela, logo chega a hora de afastar-se, o pensar é eterno e sempre com as mais belas e bonitas recordações, com semelhanças entre o que ele lembra dela, e o pensar não exige retribuição. Desse modo, é a capacidade de pensar que mantém a relação entre os seres, não o sentir, porque sentir o outro é passageiro, fortuito, já o pensar é particular e pode durar o quanto quisermos. Por isso, o amor se efetiva na mente, na capacidade de idealizar e recordar o objeto de amor.

Destaca-se todo o sentimento em sua intensidade e a negação do pensamento expostos no poema de Caeiro. Nos primeiros versos lê-se:

[...] os meus pensamentos são contentes
 Só tenho pena de saber que eles são contentes,
 Porque, se o não soubesse,
 Em vez de serem contentes e tristes,
 Seriam alegres e contentes

Pensar incomoda como andar à chuva
 Quando o vento cresce e parece que chove mais. (OGR, 1983, p.137)

Nesse trecho é possível perceber a afirmação da multiplicidade, pela troca do “é” pelo plural “e”, quando a heterogeneidade significa a fuga de uma busca por uma verdade absoluta, como expressa Deleuze (DELEUZE E PARNET, 1998, p. 46)

Discute-se sobre o juízo de atribuição (o céu é azul) e o juízo da existência (Deus é), que supõe o outro. Mas é sempre o verbo ser e a questão do princípio. Ninguém liberou as conjunções, refletiu sobre as relações como os ingleses e os americanos. É que eles têm em relação à lógica uma atitude muito especial: eles não a concebem como uma forma originária que contivesse os primeiros princípios; eles nos dizem, ao contrário: ou vocês serão obrigados a abandonar a lógica ou levados a inventar uma! A lógica é exatamente como a grande-estrada, ela não está no começo, tampouco tem fim, não se pode parar. Precisamente, não basta fazer uma lógica das

relações, não basta reconhecer os direitos do juízo de relação como esfera autônoma, distinto dos juízos de existência e de atribuição. Pois nada impede ainda as relações, tais como elas são detectadas nas conjunções (ora, portanto, etc.), de permanecerem subordinadas ao verbo ser. Toda a gramática, todo o silogismo são um meio de manter a subordinação das conjunções ao verbo ser, de fazer com que gravitem em torno do verbo ser. É preciso ir mais longe: fazer com que o encontro com as relações penetre e corrompa tudo, mine o ser, faça-o vacilar. Substituir o E ao É. A e B. O E não é sequer uma relação ou uma conjunção particular, ele é o que subentende todas as relações, a estrada de todas as relações, e que faz com que as relações corram para fora de seus termos e para fora do conjunto de seus termos, e para fora de tudo o que poderia ser determinado como Ser, Um ou Todo. O E como extra-ser, inter-ser. As relações poderiam ainda se estabelecer entre seus termos, ou entre dois conjuntos, de um ao outro, mas o E numa outra direção às relações, e faz os termos e os conjuntos fugirem, uns e outros, sobre a linha de fuga que ele cria ativamente. Pensar com E, ao invés de pensar É, de pensar por. É: o empirismo nunca teve outro segredo. Tentem, é um pensamento totalmente extraordinário, e é, no entanto, a vida. Os empiristas pensam assim, é só. E não é um pensamento de esteta, como se diz "um a mais", "uma mulher a mais". E não é um pensamento dialético, como quando se diz "um faz dois que vai fazer três". O múltiplo já não é um adjetivo ainda subordinado ao Um que se divide ou ao Ser que o engloba. Tornou-se substantivo, uma multiplicidade, que habita continuamente cada coisa. Uma multiplicidade nunca está nos termos, seja de que número eles forem, nem em seus conjuntos ou totalidade. Uma multiplicidade está no E.

Concluimos que a linguagem é devir, pois linguagem é a capacidade de perceber a possibilidade do múltiplo, um devir-intenso que está em abrir novas possibilidades para a linguagem, em deixar de se prender por regras e criar novas formas de ver e expressar, a linguagem vista não como prisão, mas como forma de criar a liberdade, a novidade; como forma de criar novas conexões e ramificações. Para os filósofos e para o poeta o devir-intenso cria novas ramificações, cada instante é composto de novas conexões rizomáticas. Observemos nos seguintes versos:

Sinto-me nascido a cada momento
 Para a eterna novidade do mundo...
 Creio no mundo como num malmequer,
 Porque o vejo. Mas não penso nele
 Porque pensar é não compreender...

O Mundo não se fez para pensarmos nele
 (Pensar é estar doente dos olhos)
 Mas para olharmos para ele e estarmos de acordo... (OGR,1983, p.138)

Nesta passagem, o poeta manifesta o olhar virgem sobre o mundo e sobre as coisas. É como se ao eu lírico fosse possível olhar o mundo (e o malmequer) antes

da invenção de qualquer palavra sobre eles. Um devir. Um olhar, a rigor, impossível, uma vez que a linguagem, ao nominar o mundo, tira a inocência do olhar. Cada vez que um sujeito observa um objeto, o seu pensamento evoca todas as palavras e dizeres sobre esse objeto. O anseio do poeta Caeiro é libertar o olhar da prisão imposta pelo pensamento, para que as coisas sejam vistas como Adão as viu, o primeiro homem a olhar para as coisas, é esta forma de enxergar que fará com que novas conexões sejam criadas. Ainda na sequência,

Eu não tenho filosofia: tenho sentidos ...
 Se falo na natureza não é porque saiba o que ela é,
 Mas porque a amo, e amo-a por isso,
 Porque quem ama nunca sabe o que ama
 Nem sabe por que ama, nem o que é amar... (OGR,1983, p.139)

Para Caeiro viver o mundo é devir, sentir sua intensidade, não é possível explicar com as palavras porque se ama ou o que é amar, o que é possível é o ato de amar em si, sua intensidade e complexidade só pode ser possível através dos sentidos.

Na III estrofe do poema OGR, o poeta faz uma homenagem a Cesário Verde, falando da angústia que se torna a vida na cidade, a impossibilidade de ter contato com a natureza, a não possibilidade do devir-natureza,

Ao entardecer, debruçado pela janela,
 E sabendo de soslaio que há campos na frente,
 Leio até me arderem os olhos
 O livro de Cesário Verde.

Que pena tenho dele! Ele era um camponês
 Que andava preso em liberdade pela cidade,
 Mas o modo como olhava para as casas,
 E o modo como reparava nas ruas
 E a maneira como dava pelas cousas,
 É o de quem olha para árvores,
 E de quem desce os olhos pela estrada por onde vai andando
 E anda a reparar nas flores que há pelos campos...

Por isso ele tinha aquela tristeza
 Que ele nunca disse bem que tinha
 Mas andava na cidade como quem anda no campo
 E triste como esmagar flores em livros
 E pôr plantas em jarros... (OGR,1983, p.139)

O camponês Cesário não conseguia ter na cidade a liberdade do campo, a realidade da cidade não permitia ter o devir-natureza, a intensidade de sentimentos e afetos que lhe eram necessários, vivendo em uma alegria falsa como vivem as plantas dos jarros, num mundo de liberdades cerceadas e falsificadas, no mundo das criações ilusórias e da fuga do ver. No que tange à religião, Caeiro diz:

(Quem crê que há Santa Bárbara,
 Julgará que ela é gente e visível
 Ou que julgará dela?)

(Que artifício! Que sabem
 As flores, as árvores, os rebanhos,
 De Santa Bárbara? ... um ramo de árvore,
 Se pensasse, nunca podia
 Construir santos nem anjos...
 Poderia julgar que o sol
 É Deus, e que a trovoada
 É uma quantidade de gente
 Zangada por cima de nós...
 Ah, como os mais simples dos homens
 São doentes e confusos e estúpidos
 Ao pé da clara simplicidade
 E saúde em existir
 Das árvores e das plantas!)

E eu, pensando em tudo isto,
 Fiquei outra vez menos feliz...
 Fiquei sombrio, adoecido e soturno
 Como um dia em que todo o dia a trovoada ameaça
 E nem sequer de noite chega... (OGR,1983, p.140)

Observamos que aqui se iniciam alguns questionamentos religiosos. Importante ressaltar que para Caeiro a religião é um sistema de pensamento, portanto alheio ao desejo de natureza que impregna toda a sua vertente poética; como na filosofia deleuziana em que o “desdobramento no plano de Natureza ou de composição de uma ontologia da experiência não decalca do empírico do campo transcendental” (DELEUZE, 1996, p.37-38). A experiência deve ser feita em nome dela mesma, uma experiência particular. A complexa relação entre fé e razão é levantada, porque anjos e santos não são vistos, não são reais; o que é real é a natureza com seus trovões, o sol, árvores e plantas. Questionar a existência dos anjos e santos não torna o eu lírico mais feliz, pelo contrário, pensar e duvidar é o que faz o homem sombrio, adoecido e soturno, porque pensar o remove de um mundo colorido de ilusões e o coloca no mundo real, onde só há o homem e seu semelhante lutando com a natureza por sua existência terrena e finita. Um mundo onde podem haver diversas possibilidades de verdade, mas não há nenhuma certeza, porque a certeza é mentirosa. Para o poeta, pensar não pode fazer o homem feliz, mas o faz mais triste por perceber sua fragilidade diante das dúvidas e inseguranças da existência terrena, diante das questões eternas e sem solução, as questões são eternamente sem resposta, e é aceitar a dúvida e viver sem pensar nela que torna a existência mais confortável.

Destacamos também a metafísica em Caeiro, como nos fragmentos abaixo:

Há metafísica bastante em não pensar em nada.

O que penso eu do mundo?

Sei lá o que penso do mundo!

Se eu adoecesse pensaria nisso.

Que ideia tenho eu das cousas?

Que opinião tenho sobre as causas e os efeitos?

Que tenho eu meditado sobre Deus e a alma

E sobre a criação do Mundo?

Não sei. Para mim pensar nisso é fechar os olhos

E não pensar. É correr as cortinas.

Da minha janela (mas ela não tem cortinas). (OGR,1983, p.140-141)

Todas as percepções levam à metafísica, o que se pode relacionar com a análise de Deleuze, quando afirma que o atual rodeia-se de círculos sempre renovados de virtualidades e cada uma faz o mesmo indefinidamente.

Uma percepção é como uma partícula: uma percepção atual rodeia-se de uma nebulosidade de imagens virtuais que se distribuem sobre circuitos moventes cada vez mais distantes, cada vez mais amplos, que se fazem e se desfazem. São lembranças de ordens diferentes: diz-se serem imagens virtuais à medida que sua velocidade ou sua brevidade as mantém aqui sob um princípio de inconsciência. (DELEUZE, 1996, p.49)

Nesse sentido, o eu lírico afirma que se faz necessário questionar o mundo, duvidar, porque não é possível enxergar antes de abrir os olhos. Não pensar e sim enxergar, ver o mundo em suas diversas possibilidades, a mais intensa forma de se relacionar e compreender a existência não é pensando sobre ele e sim vivendo-o em seu Devir-mundo, fechar os olhos e não pensar. Não pensar é uma forma de conceber a existência que traz muito significado, não com uma forma de compreensão falada ou escrita, mas sentida em devires-intensos, sentidos na complexa relação do ser com o mundo que o rodeia. Vejamos na sequência:

O único mistério é haver quem pense no mistério.
 Quem está ao sol e fecha os olhos,
 Começa a não saber o que é o sol
 E a pensar muitas cousas cheias de calor.
 Mas abre os olhos e vê o sol,
 E já não pode pensar em nada
 Porque a luz do sol vale mais que os pensamentos
 De todos os filósofos e de todos os poetas
 A luz do sol não sabe o que faz
 E por isso não erra e é comum e boa. (OGR,1983, p.141)

No trecho acima o eu lírico afirma que pessoas são os únicos seres que pensam, e o mundo com sua totalidade de seres não pensam, os animais e as plantas são a existência e não o pensar. O poeta segue afirmando que mistérios não existem em si, somente estão na cabeça do homem, porque a natureza não questiona a si mesma, a luz do sol não pensa em como é ser sol e luz, mas simplesmente é em sua inteireza.

Dito de outra forma, o mundo em sua complexidade não pode ser explicado ou compreendido, o mistério do mundo está no pensamento, porque não há mistérios em si, dessa forma, o mundo pode ser melhor vivido que compreendido, há diversas possibilidades de devires no mundo, diversas formas de compreender a intensidade dos sentidos através do sentir. Assim, depreendemos nos seguintes versos:

Metafísica? Que metafísica têm aquelas árvores?
 A de serem verdes e copadas e de terem ramos.
 E a de dar fruto na sua hora, o que não nos faz pensar,
 A nós, que não sabemos dar por elas,
 Mas que melhor metafísica que a delas,
 Que é a de não saber para que vivem
 Nem saber o que não sabem? (OGR,1983, p.141)

O eu lírico afirma que dar frutos e não pensar é a forma de conceber a existência das árvores, antes elas que vivem e não pensam na existência, nem sabem que não sabem, não sabem para que vivem e nem buscam saber, os saberes não são uma busca, um contínuo de devires que criam novas ramificações:

“Constituição íntima das cousas” ...
 “Sentido íntimo do universo”...
 Tudo isto é falso, tudo isto não quer dizer nada.
 É incrível que se possa pensar cousas dessas.
 É como pensar em razões e fins
 [...]
 Pensar no sentido íntimo das cousas
 É elas não terem sentido íntimo nenhum. (OGR,1983, p.141)

Observamos ante o exposto acima que não há sentido nas coisas em si, não há porque buscar um sentido para a existência porque ela é, ela acontece nos devires-momentâneos, no aqui-agora, e não tem sentido íntimo nenhum. Nesse norte, os fragmentos seguintes destacam as construções humanas:

Não acredito em Deus porque nunca o vi
 Se ele quisesse que eu acreditasse nele,
 Sem dúvida que viria falar comigo
 E entraria pela minha porta adentro

Dizendo-me, *Aqui estou!*

[...]

É que ele quer que eu o conheça como

Como árvores e montes e flores e luar e sol.

E por isso eu obedeço-lhe,

(Que mais sei eu de Deus que Deus de si próprio?),

Obedeço-lhe a viver, espontaneamente,

Como quem abre os olhos e vê,

E chamo-lhe luar e sol e árvores e flores e montes,

E amo-o sem pensar nele,

E penso-o vendo e ouvindo,

E ando com ele a toda hora. (OGR,1983, p.142)

Para o eu lírico, pensar em Deus não significa acionar as construções humanas e religiosas acerca dos conceitos de Deus, nas interpretações e criações dos homens acerca de um ser superior; Deus é visto através dos olhos e dos sentidos, com os devires-natureza. O homem, em sua relação com a perfeição inexplicável da natureza, que é bela, cumpre seu papel perfeitamente em sua relação com o universo e com os seres; seguindo essa possível interpretação, para o eu lírico, pensar em Deus é não buscar compreendê-lo ou criar mitos, mas andar com ele vendo e ouvindo-o nos devires-intensos com o exterior completo em sua perfeição.

Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver no Universo...

Por isso minha aldeia é tão grande como outra terra qualquer

Porque eu sou do tamanho do que vejo

E não do tamanho da minha altura... (OGR,1983, p.142)

Assim, ver e o que vemos é o que realmente somos, a forma como vemos o mundo é a única realidade que temos, nossos devires com o mundo fazem com que aprendamos e tenhamos o conhecimento acerca da existência e da vida, nossa aldeia nos permite ver pouco ou ver muito, portanto, o que você vê dela é o que você é. Todavia, Caeiro aborda a possibilidade de não ver, como se observa nos seguintes versos:

Nas cidades a vida é mais pequena

Que aqui na minha casa no cimo deste outeiro

Na cidade as grandes casas fecham a vista à chave,
 Escondem o horizonte, empurram o nosso olhar para longe de todo o céu,
 Tornam-nos pequenos porque nos tiram o que nossos olhos nos podem dar,
 E tornam-nos pobres porque a nossa única riqueza é ver. (OGR,1983, p.142)

A cidade grande não permite ao homem devir-natureza: As casas são fechadas e a vida corrida não permite ao homem ver, ver o mundo e os seres que o rodeiam. O mundo é trancado a chaves, tornam o ser pequeno porque está fechado em seu pequeno mundo, vendo somente o que já conhece, não se pode ver a imensidão e as diversas possibilidades; assim sendo, o que sobra é a pobreza de fechar os olhos e não ver o novo, o não ver.

Como já percebido pela leitura dos trechos de OGR citados anteriormente, no poema, o autor vê o mundo como uma porta para a experimentação intensa, o que significa não aceitar conceitos pré-estabelecidos, e propõe questionar uma das “verdades” de seu tempo, a religião, apresentando uma visão contra os conceitos aceitos antes mesmo de serem questionados, uma forma de ver a religião sem interpretações e “pré-concepções”. Essa temática é vista e discutida de forma mais intensa na oitava estrofe do poema OGR. Destacamos que Pessoa, ele mesmo, afirmou: “Escrevi com sobressalto e repugnância o poema oitavo de O Guardador de Rebanhos com sua blasfêmia infantil e seu antiespiritualismo absoluto” (PESSOA, 1974, p.87), fazendo-nos questionar como

[...] é curioso que a palavra “fé” sirva para designar um plano que vira imanência. Mas, se o cavaleiro é o homem do devir, há cavaleiros de toda espécie. Não existe até cavaleiro da droga, no sentido em que a fé é uma droga, muito diferente do sentido em que a religião é um ópio (DELEUZE E GUATTARI, 2012, p. 80).

A estrofe VIII é certamente bastante complexa e controversa, haja vista que não foi publicada junto com as demais na primeira edição da obra; apenas tempos depois foi publicada. Seu conteúdo dito “blasfêmico” conta do sonho com Jesus Cristo e de como Jesus menino lhe ensinara a olhar as coisas, além de apontar detalhes de como a religião “criou” os mitos de um Deus, como a religião fechou os olhos, como os fiéis fecham os olhos para não ver, como a quantidade de mitos e ritos superou qualquer “devir-intenso” com o ser consigo mesmo, como os ritos sacros envolvem a religião de tal forma que não sobra espaço para ver as grandezas verdadeiras criadas no mundo. Vejamos nos dois versos que seguem:

As companheiras das fontes, as santas
A quem ninguém reza... (OGR,1983, p.149).

É possível compreender, por meio dos versos, um mundo onde histórias são mais fortes que a intensidade causada pela natureza, sendo que, segundo uma possível leitura do pensamento do eu lírico, a natureza é o verdadeiro milagre visível. Vejamos na sequência:

Porque ele sabe que tudo isso falta àquela verdade
Que uma flor tem ao florescer
E que anda com a luz do sol
A variar os montes e os vales
E a fazer doer aos olhos os muros caiados.
[...]
Esta é a história do meu Menino Jesus.
Por que razão que se perceba
Não há de ser ela mais verdadeira
Que tudo quanto os filósofos pensam
E tudo quanto as religiões ensinam? (OGR,1983, p.145-146)

O poeta questiona a forma de pensar dos filósofos e das religiões, porque no pensar não há realidade absoluta, o pensamento permite diversas interpretações e a filosofia e a religião são apenas cosmovisões do mundo do qual fazemos parte e não a verdade absoluta. São verdades diferentes e escolhidas. É importante lembrar que na época em que o poeta escreveu não era possível conceber diferentes formas de compreender a realidade, a religião era soberana e impunha os desmandos mentais que julgavam necessários. A obra propõe uma linha nova no rizoma, uma nova conexão entre religião e pensamento para a época. Assim como a obra de Deleuze, que propõe diferentes formas de ler a filosofia, o poema de Caeiro propõe pensar a filosofia e a religião como formas de conceber a existência e mostra que a realidade do mundo visível não é levada em consideração, além do fato de que ver o mundo real pode ser tomado como uma forma de enxergar a religião e/ou a filosofia. É possível partir do mundo dos devires para criar formas de conceber a existência, não partindo do pensamento e sim dos devires-mundo.

Sou um guardador de rebanhos.

O rebanho é os meus pensamentos
 E os meus pensamentos são todos sensações
 Penso com os olhos e com os ouvidos
 E com as mãos e os pés
 E com o nariz e a boca
 Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la
 E comer um fruto é saber-lhe o sentido.
 [...]
 E me deito ao comprido da erva,
 E fecho os olhos quentes,
 Sinto todo o meu corpo deitado na realidade,
 Sei a verdade e sou feliz. (OGR,1983, p.146)

Compreendemos então como o eu lírico busca a intensidade de cada momento, a busca pelo não pensar nas maneiras como as coisas poderiam ser, como foram ou como são, mas viver o atual com toda sua intensidade virtual. Porque a verdade do momento não é a verdade em si. Para o eu lírico, a verdade em si não existe, o que é possível é a continuidade eterna do efêmero, daquilo que os sentidos nos permitem intensificar e tornar virtual.

A seguir, o eu lírico fala de como o vento não tem significações e a linguagem nos faz poetizar a natureza, o vento, colocar nele sentimentos que são demasiadamente humanos, como forma de fazer expressar o que nós sentimos e não o que a natureza produz ou tem. Projetamos na natureza sentimentos nossos, como se lê na estrofe abaixo:

Nunca ouviste passar o vento
 O vento só fala do vento
 O que lhe ouviste foi mentira
 E a mentira está em ti (OGR,1983, p.147).

Para o poeta o vento não fala, os seres é que por vezes pensam ouvir algo dito pela natureza; esta simplesmente é, sem se preocupar com os tempos, com pensamentos, com uma linguagem que explique o que ela é ou poderia ser.

Segundo o poema, há a necessidade de ver o atual e criar o virtual que só surge com a imanência do instante vivido com entrega absoluta; ao deixar de perceber os devires intensos que a natureza tem a mostrar, por exemplo, o ser humano inventa uma forma de sentir, deixando de perceber devires-natureza: há o correr dos rios que

é ouvido pelos animais e pela natureza, os seres humanos falseiam afetos e perceptos sem se dar conta de que a intensidade ocorre no momento da intensa relação com o atual e o virtual, todos os dias naturalmente. Basta abrir os ouvidos para ouvir, os olhos para ver.

Aquela senhora tem um piano
Que é agradável, mas não é o correr dos rios
Nem o murmúrio que as árvores fazem...

Para que é preciso um piano?
O melhor é ter ouvidos
E amar a natureza (OGR,1983, p.147)

Observamos que o devir é “real”, não é produzido através do pensamento com um fim já estipulado. Ao passar perto de um rio, o som do correr das águas é dado de forma inesperada e dispensa o pensamento, ele é o correr das águas dos rios e só, diferente das produções humanas, carregadas de explicações e objetivos, explicações que impedem o devir absolutamente intenso. Podemos compreender ainda nas estrofes seguintes:

Quem me dera que a minha vida fosse um carro de bois
Que vem chiar, manhãzinha cedo, pela estrada,
E que para de onde veio volta depois
Quase a noitinha pela mesma estrada

Eu não tinha que ter esperanças - tinha só que ter rodas...
A minha velhice não tinha rugas nem cabelo branco...
Quando eu já não servia, tiravam-me as rodas
E eu ficava virado e partido no fundo de um barranco. (OGR,1983, p.148)

Que a natureza aceita seu caminhar natural, ela é sábia em perceber que não adianta buscar alongar uma existência que não tem sentido em si, só somos úteis para fazer com que o mundo como um todo caminhe, exista, sendo somente uma roda na engrenagem da existência do devir-mundo. Assim, a existência em si não tem sentido; chorar os mortos é como não aceitar que a carroça fica virada e partida no fundo de um barranco. Por isso, a natureza é sábia em aceitar seu fim e sua insignificância diante da grandiosidade do todo.

Para o poeta, o homem é o único ser que pensa e, por pensar, é o mais indigno dentro da existência, pois passa a vida a pensar e deixa de sentir a intensidade dos devires-momentos. O homem não é em toda sua intensidade, mas pensa nas intensidades, analisamos a seguir:

Quem me dera que eu fosse um burro do moleiro
E que ele me batesse e me estimasse...

Antes isso que ser o que atravessa a vida
Olhando para trás de si e tendo pena... (OGR,1983, p.149)

Compreendemos que para o poeta o homem pensa, e pensar o impede de ter uma relação de inteireza com o “aqui e agora”, há momentos que somente o homem tem, devido a sua capacidade de “devir história-memória”; dito de outra forma, o passado representa uma relação de “devir história-memória”.

Deleuze e Guattari (2012, p.100) também citam essa relação afirmando “a fronteira entre a memória e a história, mas entre os sistemas pontuais ou diagonais ‘história-memória’ e os agenciamentos multilineares ou diagonais, que não são absolutamente o eterno, mas o devir, um pouco de devir em estado puro, “transhistórico”. O que é “transhistórico” é além da história, é um devir que ultrapassa o “aqui-agora” e representa uma intensidade em si, por si mesmo. Olhar para algo e ter significações que vão além do que se vê. Ao olhar para algo é possível ter múltiplas interpretações, mas cada ser tem uma interpretação singular e indescritível. O que pode ser relacionado com o trecho abaixo:

O rio da minha aldeia não faz pensar em nada.
Quem está ao pé dele está só ao pé dele. (OGR,1983, p.150)

O Tejo é um rio rico em história, que traz consigo lembranças e significações; contudo, ele não é em si singular em interpretações, mas é carregado de interpretações. O rio que passa pela aldeia do eu-lírico é o rio em si, um devir-natureza intenso, o momento intensificado e sem pré-interpretações. O que cada ser em si carrega é único e singular, como cada ser interpreta o exterior é resultado de sua relação pessoal e singular, de um devir-intenso.

Intensidade de devires que devem ser vividos para poder compreender o mundo em suas diversas possibilidades, como multiplicidade:

Mas eu nem sempre quero ser feliz.

É preciso ser de vez em quando infeliz
 Para se poder ser infeliz
 Para se poder ser natural...

Nem tudo é dia de sol,
 E a chuva, quando falta muito, pede-se.
 Por isso tomo a infelicidade com a felicidade
 Naturalmente, como quem não estranha
 Que haja montanhas e planícies
 E que haja rochedos e erva...

O que é preciso é ser-se natural e calmo
 Na felicidade ou na infelicidade
 Sentir como quem olha,
 Pensar como quem anda
 E quando se vai morrer, lembrar-se de que o dia morre,
 E que o poente é belo e é bela a noite que fica...
 Assim é e assim seja... (OGR,1983, p.150)

Essa multiplicidade por vezes não tão bem-aceita pelo homem é encontrada na natureza, sendo a natureza a maior representação da multiplicidade e inteireza, do respeito à multiplicidade de singularidades. E na poesia de Caeiro, a natureza serve como exemplo, o devir-natureza é o que é sábio, pois ela é a intensidade. A vida e a morte são partes de um todo natural, o natural neste contexto é não pensar ou sofrer com o inevitável. A natureza, em sua intensidade, é o que deve ser e como é aceita o mundo em sua multiplicidade. Ser como a natureza é o que permite a maior intensidade, ter a maior potencialidade da felicidade. Pois permite perceber que a infelicidade é o caminho para a felicidade, as oposições são partes essenciais para que haja intensidade no todo. O devir-natureza é a verdadeira sabedoria, sabedoria que o homem não consegue obter por pensar e buscar perceber, compreender. Sabedoria que o humano não possui por perder-se dos sentidos e ficar perturbado e confuso, buscando entender o que deveria ser sentido:

[...] bate-me a Natureza de chapa
 Na cara dos meus sentidos,
 E eu fico confuso, perturbado, querendo perceber

Não sei bem como nem o quê...

Mas quem me mandou a mim querer perceber?

Quem me disse que havia que perceber?

[...]só tenho que sentir

[...]

E de qualquer maneira que eu o sinta,

Assim, porque assim o sinto, é que é meu dever senti-lo... (OGR,1983, p.151).

De acordo com os versos acima, compreender e perceber não é devir, pois este exige o sentir toda a intensidade do mundo natural em si, é ser absorvido e viver o instante em toda a sua totalidade.

Também interrogar-se e espantar-se não altera o mundo como ele é, não o torna melhor porque a natureza é devir em si, “porque tudo é como é e assim é que é”; podemos sentir o devir-natureza, mas nossas interrogações nunca serão úteis, questionamentos não poderão mudar a realidade do ser, sábia é a natureza que vive de “devires-natureza”, o homem que busca viver de ver e pensar perde-se. Perde-se e segue perturbado por perder a intensidade de cada ato em si, como podemos perceber no trecho abaixo:

O essencial é saber ver,

Saber ver sem estar a pensar,

Saber ver quando se vê,

E nem pensar quando se vê

Nem ver quando se pensa. (OGR,1983, p.151)

Para o eu lírico, ver e pensar não são partes complementares, mas opostas por exigirem toda a intensidade, a linha de fuga do sentir é o pensar; assim como a linha de fuga do pensar é o sentir, “o meu sentimento é um pensamento vazio”, não é possível sentir enquanto se escreve porque o sentir é experimentação e o escrever é pensar, os versos são escritos no depois, “sim, escritos no dia seguinte. /Todos os versos são sempre escritos no dia seguinte”. Do mesmo modo como a felicidade só tem intensidade quando a infelicidade é sentida com toda a intensidade, o pensar e o sentir também são diferentes intensidades, são partes do rizoma, linhas opostas que são partes de um todo. Perceber essas linhas e aceitá-las como são é aceitar o devir-natural da existência.

Esse trabalho exige a desconstrução de um paradigma do pensar em relação à escrita, paradigma que diz que a escrita está intrinsicamente ligada ao pensamento, - “tristes de nós que trazemos a alma vestida! ” -, uma alma vestida de respostas, de certezas que não permitem duvidar das diversas possibilidades de linhas do rizoma. Isso exige dedicação e estudo profundo, aprender a desaprender, uma espécie de decomposição dos elementos da escrita para a criação de novos contextos que permitem novas leituras, como podemos comprovar na sequência:

Isso exige um estudo profundo,
 Uma aprendizagem de desaprender
 As bolas de sabão que esta criança
 Se entretém a largar de uma palinha
 São translucidamente uma filosofia toda.
 Claras, inúteis e passageiras como a Natureza,
 Amigas dos olhos como as cousas,
 São aquilo que são
 Com uma precisão redondinha e aérea,
 E ninguém, nem mesmo a criança que as deixa,
 Pretende que elas são mais do que parecem ser. (OGR,1983, p.152)

Depreendemos que inúteis, claras e passageiras como a Natureza são as bolas de sabão, porque elas não pretendem ter respostas; elas são a intensidade em si. E com a Natureza o homem precisa aprender que a desconstrução é necessária, a desconstrução das respostas é a sabedoria; é preciso aprender a ver como vê a Natureza, pois ela é sábia e vê as coisas como são e não as encerra, mas vê tudo como possibilidade, uma das possibilidades dentre as diversas linhas possíveis, enxergando a possibilidade rizomática da existência, enxergando cada probabilidade como uma linha do rizoma. Uma existência redonda e sem fim, sem ser mais do que as infinitas possibilidades de ser devir-intenso, translúcida e, por isso, plurissignificativa.

Por meio do poema, compreendemos que os seres buscam dar significado às coisas, a linguagem cumpre esse papel; mas as coisas em si não carecem de significado, são o que são em intensidade, como nos versos seguintes:

Só a natureza é divina, e ela não é divina...
 Se falo dela como de um ente
 É que para falar dela preciso usar da linguagem dos homens

Que dá personalidade às cousas,
 E impõe nome às cousas
 Mas as cousas não têm nome nem personalidade
 Existem [...] (OGR,1983, p.152-153).

De igual forma a linguagem é discutida, refletida dentro de sua relação de significação; de como a linguagem torna o mundo carregado de plurissignificações, diversos nomes e personalidades para coisas sem nome ou personalidade; de como a linguagem é um rizoma. Compreende-se que toda forma de linguagem possibilite múltiplas significações, e todas as formas de escrita são a representação da realidade e não a realidade em si. Caeiro exemplifica tal raciocínio contrapondo poesia e filosofia, e afirmando que nem a subjetividade da poesia e nem os questionamentos da filosofia dão conta da realidade, como lê-se no trecho abaixo:

Os poetas místicos são filósofos doentes,
 E os filósofos são homens doidos. (OGR,1983, p.153)

Observamos que carregar de sentimentos a natureza como faz o poeta é não a conhecer verdadeiramente, porque quem fala dos sentimentos desta é que está carregado de sentimentos e os transporta para a natureza, porque a natureza é tão somente a natureza em seu devir-natureza. O poeta busca uma linha de fuga para a escrita, algo que vá além das extremidades da linguagem, algo que vá além da subjetividade da poesia e da busca pela objetividade presente na escrita filosófica.

E novamente buscando uma linha de fuga que desconstrua paradoxos o eu-lírico afirma:

Por mim, escrevo a prosa dos meus versos (OGR,1983, p.153).

Percebemos que a linguagem é desterritorializada e reterritorializada, a prosa deixa de ser o oposto ao verso e passa a ser mais uma parte da compreensão da linguagem como um todo, uma das linhas integrantes do rizoma da linguagem. Para Caeiro, não é possível ser igual no que se diz e escreve, há uma intensidade no dizer e outra no escrever, mas o ser se assenta na pluralidade de intensidades, como afirma o poeta:

Nem sempre sou igual no que digo e escrevo.
 Mudo, mas não mudo muito.

[...]

Reparem bem para mim:

Se estava virado para a direita

Voltei-me agora para a esquerda,

Mas sou sempre eu, assente sobre os mesmos pés-

[...] (OGR,1983, p.153-154)

Notamos que as diferenças, a multiplicidade, as diversas linhas fazem parte do todo; haja vista que a multiplicidade faz parte do rizoma, infinitas linhas cruzando-se, algo que não pode ser explicado porque está em constante transformação, constante significação e ressignificação. Abaixo lemos um trecho de Caeiro no qual ele afirma que vive no alto de uma montanha, numa casa colorida e encoberta, sozinha, o que segundo nossa interpretação significa viver recriando conceitos, vendo do alto as diversas possibilidades e fazer escolhas sempre sozinho, que nossa definição é a constante indefinição e o eterno ressignificar e entrecruzar das linhas rizomáticas:

Vivo no cimo de um outeiro

Numa casa caiada e sozinha,

E essa é a minha definição. (OGR,1983, p.154)

A intensidade do ser muda, as diversas linhas cruzam-se, a existência é um rizoma com constantes novas conexões; conexões que só são possíveis quando deixamos de ver nossas respostas como absolutas e incontestáveis. Ver somente nossos pensamentos é ficar às escuras, é preciso ver no cimo do outeiro Terra e Céu, como alega Caeiro nos versos a seguir:

Terá a terra consciência das pedras e plantas que tem?

Se ela tiver, que tenha...

Que me importa isso a mim?

Se eu pensasse nessa cousas,

Deixaria de ver a Terra,

Para ver só os meus pensamentos...

Entristecia e ficava às escuras.

E assim, sem pensar tenho a Terra e o Céu. (OGR,1983, p.156)

Ter devir-natureza é viver a intensidade que ela propõe, não buscar expressá-la com linguagem, pois a linguagem é uma busca forçada do homem por expressar o que é, uma busca que nunca será como o florir na natureza.

E há poetas que são artistas
E trabalham nos seus versos
Como um carpinteiro nas tábuas!...

Que triste não saber florir!
Ter que pôr verso sobre verso, como quem constrói um muro
E ver se está bem, e tirar se não está!... (OGR,1983, p.156)

Triste não ser o devir-natureza e precisar da linguagem para expressar-se, como se expressar sem construir muros que impedem a verdadeira intensidade do ser? Quando algo é colocado no verso muito se constrói e muitas das significações ficam escondidas atrás do mudo da linguagem; sem as palavras as flores podem florir, o homem precisa da linguagem porque não sabe florir, não é em si e busca significar-se e significar o mundo e assim deixa de ser e passa a se multifacetar, a aceitar que a única certeza é que não há certezas. Como afirma o poeta no trecho abaixo, não há uma significação absoluta para algo, mas a pluralidade na existência:

O mistério das cousas, onde está ele?
Onde está ele que não aparece
Pelo menos a mostrar-nos que é mistério?
Que sabe o rio disso e que sabe a árvore?
E eu, que não sou mais do que eles, que sei disso?
[...]
Porque o único sentido oculto das cousas
É elas não terem sentido oculto nenhum,
É mais estranho do que todas as estranhezas
E do que os sonhos de todos os poetas
E os pensamentos de todos os filósofos,
Que as cousas sejam realmente o que parecem ser
E não haja nada que compreender.

Sim, eis o que os meus sentidos aprenderam sozinhos: -
As cousas não têm significação: têm existência.

As cousas são o único sentido oculto das cousas. (OGR,1983, p.157)

As coisas não têm sentido oculto, através da linguagem elas têm nome e sentido, mas a natureza é devir intenso:

Fôssemos nós como devíamos ser
E não haveria em nós necessidade de ilusão...
Bastar-nos-ia sentir com clareza e vida
E nem repararmos para que há sentidos...

Mas graças a Deus que há imperfeição no Mundo
Porque a imperfeição é uma cousa,
E haver gente que erra é original,
E haver gente doente torna o Mundo engraçado.
Se não houvesse imperfeição, haveria uma cousa a menos,
E deve haver muita cousa
Para termos muito que ver e ouvir... (OGR,1983, p.158)

Há de ter muitas coisas, muitas possibilidades; assim como propõe o rizoma, uma multiplicidade, não uma resposta certa, mas diversas possibilidades. Falta-nos aprender com a Natureza que tudo são linhas que passam, que a intensidade é aceitar as linhas e suas ramificações. Algo intensificado pelo autor nos trechos seguintes de OGR:

A recordação é uma traição à Natureza,
Porque a Natureza de ontem não é Natureza.
O que foi não é nada, e lembrar é não ver.

Passa, ave, passa, e ensina-me a passar! (OGR,1983, p.159)

O que é pensamento não é intensidade, o pensar é a linha de fuga do instante aqui-agora, uma traição dos sentidos que não nos permite viver a intensidade do devir-intenso.

E o relógio ocupa a noite toda.

[...]

Mas estaco, e sinto-me sorrir na noite com os cantos da boca,
Porque a única cousa que o meu relógio simboliza ou significa
Enchendo com a sua pequenez a noite enorme

É a curiosa sensação de encher a noite enorme
Com a sua pequenez... (OGR,1983, p.159)

No trecho acima vemos como o eu lírico busca não se deixar enganar pelo mundo exterior, mas busca o verdadeiro mundo das intensidades, o devir, visto que não compreende como podemos enganar a nos próprios criando barreiras invisíveis para impedir o contínuo de intensidades. Como nos deixamos ser enganados pelos relógios, que nos fazem pensar num contar de tempo impossível, também a linguagem nos trai e nos faz acreditar em ilusões que nos impedem de viver a intensidade; o relógio é uma forma de fuga do presente, porque ele sempre mostra o tempo que perdemos, o quando já se foi e se perde a cada segundo; olhando o tempo passado e o futuro fugimos do presente para viver em um mundo que não existe.

Triste das almas humanas, que põem tudo em ordem,
Que traçam linhas de cousa a cousa,
Que põem letreiros com nomes nas árvores absolutamente reais,
E desenharam paralelos de latitude e longitude
Sobre a própria terra inocente e mais verde e florida do que isso! (OGR,1983, p.159)

Percebemos nos versos acima que as linhas do rizoma se cruzam, porque não se pode organizar; o eu lírico também questiona a possibilidade de colocar tudo em ordem; a natureza é em seu devir-natureza, não cabe dentro da linguagem. Caeiro tenta explicar como ocorre sua forma de organizar suas palavras, e afirma

Procuro dizer o que sinto
Sem pensar em que o sinto.
Procuro encostar as palavras à ideia
E não precisar dum corredor
Do pensamento para as palavras.
Nem sempre consigo sentir o que sei que devo sentir.
O meu pensamento só muito devagar atravessa o rio a nado
Porque lhe pesa o fato que os homens o fizeram usar.

Procuro despir-me do que aprendi,
Procuro esquecer-me do modo de lembrar que me ensinaram,
E raspar a tinta com que me pintaram os sentidos,
Desencaixotar as minhas emoções verdadeiras,
Desembrulhar-me e ser eu, não Alberto Caeiro,

Mas um animal humano que a natureza produziu.

[...]

Ainda assim, sou alguém.

Sou o Descobridor da Natureza.

Sou o Argonauta das sensações verdadeiras.

Trago ao Universo um novo Universo

Porque trago ao Universo ele-próprio (OGR,1983, p.160).

Ao nos apropriarmos de Deleuze, compreendemos que desconstruir um mundo construído por outros, despir-se de paradigmas construídos é reconstruir novas formas de Universo, um universo em si e sem interpretações ou explicações prévias, a intensidade; o devir-natureza antecede a palavra e Caeiro explica tal fato da seguinte forma:

Vi que não há Natureza,

Que Natureza não existe,

[...]

Que há rios e pedras

Mas que não há um todo a que isso pertença,

Que um conjunto real e verdadeiro

É uma doença das nossas ideias.

A Natureza é partes sem um todo

Isto é talvez o tal mistério de que falamos. (OGR,1983, p.161)

Aceitar a multiplicidade do rizoma, a pluralidade como fato imutável é compreender que poesia e filosofia são ramificações incompletas da linguagem, que a intensidade do real não cabe em conceitos filosóficos e nem em versos, mas que estes são partes integrantes do rizoma.

3 FERNANDO PESSOA: GILLES DELEUZE, FÉLIX GUATTARI: OS DEVIRES

O ver em si dispensa uma ciência ou filosofia que dê uma explicação exata e única, assim como propõe Derrida (1999) na filosofia da desconstrução. Mais exatamente na obra *Gramatologia*, de 1971, na qual se propõe um sistema de pensamento sempre aberto, que nunca se enclausura em uma fórmula ou um método, e por essa razão necessita de uma arquitetura estratégica, para fugir da economia conceitual tradicional da filosofia, que sempre levaria o pensamento de um filósofo a fechar-se em torno de seu próprio sistema. Focamos no pensamento dos dois filósofos: Deleuze e Guattari, que põem em prática esta ideologia, criando sempre novos conceitos, realizando leituras rizomáticas; buscando uma forma de ler através destes a poesia de Caeiro é o que nos propomos a fazer neste trabalho. Sugerindo ler a poesia como multiplicidade de significados, uma poesia como rizoma,

[...] multiplicidades que não param de transbordar as máquinas binárias e não se deixam dicotomizar. Há, em toda parte, centros, como multiplicidades de buracos negros que não se deixam aglomerar. Há linhas que não se reduzem ao trajeto de um ponto, e escapam da estrutura, linhas de fuga, devires, sem futuro nem passado, sem memória, que resistem à máquina binária, devir-mulher que não é nem homem nem mulher, devir-animal que não é nem bicho nem homem. Evoluções não paralelas que não procedem por diferenciação, mas saltam de uma linha a outra, entre seres totalmente heterogêneos; fissuras, rupturas imperceptíveis, que quebram as linhas mesmo que elas retomem noutra parte, saltando por cima dos cortes significantes... tudo isso é o rizoma. Pensar, nas coisas, entre as coisas é justamente criar rizomas e não raízes, traçar a linha e não fazer o balanço. Criar população no deserto e não espécies e gêneros em uma floresta. Povoar sem jamais especificar. (DELEUZE E PARNET, 1998, p. 22)

Ver a poesia enquanto multiplicidade, heterogeneidade, “a lei do Uno que se torna dois, depois dois que se tornam quatro [...]” (DELEUZE E GUATTARI, 1995, p.13). Ideias que surgiram com a leitura do poeta Fernando Pessoa, o poeta da multiplicidade e que ganham vida nas palavras e questionamentos propostos nas obras do heterônimo Alberto Caeiro. O que pode ser exemplificado com o trecho abaixo, de Tabacaria:

Não sou nada. Nunca serei nada.

Não posso querer ser nada.

À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.

No trecho supracitado, o eu lírico afirma ser o uno (um nada) e ao mesmo tempo o múltiplo (ter todos os sonhos do mundo), questiona a impossibilidade de ser um, pois mesmo ao ser um se é muitos em possibilidades e sonhos.

Caeiro apresenta uma forma singular de ver, um ver que prioriza a imanência e questiona a palavra, ao mesmo tempo em que usa desta para expressar o seu modo de ver o mundo. O que se percebe na obra de Caeiro é um grande paradoxo, paradoxo este que permite pensar a teoria do rizoma, como uma possibilidade de esclarecimento e reflexão. O rizoma aqui representa as diversas possibilidades de interpretação do poema, pois como afirmou Nietzsche (1967-1978, p.151), “não existem fatos, apenas interpretações”.

Segundo nossa interpretação, analisar a poesia de Caeiro segundo uma leitura rizomática significa a desmontagem, decomposição dos elementos, colocando toda e qualquer interpretação como possibilidade, excluindo uma “leitura verdadeira da verdade da filosofia”, tornando-a uma das leituras possíveis, mas não a “leitura correta”. O que torna possível afirmar que a linguagem constrói e “re-cria” mundos, os textos corrompem seus significados tradicionais, criam novos contextos, novas leituras.

Os conceitos com o tempo sofrem naturalmente profundas transformações, e isso é tanto inevitável quanto necessário; “multiplicidades que não param de transbordar [...] e não se deixam dicotomizar” (DELEUZE E PARNET, 1998, p. 22).

Dito de outra forma, as palavras não têm a capacidade de expressar tudo o que se quer por elas expressar exprimir, de modo que palavras e conceitos não comunicam o que prometem, as lacunas na escrita e na fala são inevitáveis; é a capacidade de serem modificados no pensamento, na expressão e na escrita que torna os conceitos incompletos. Assim, aquilo que dizemos e ouvimos só será de fato verdade quando o compreendermos como algo incompleto e aceitarmos desconstruí-lo; e se não o fizermos, a evolução o fará por nós.

E no caminho da desconstrução também se encontra a estilística de Caeiro. Os aspectos estilísticos mostram relação direta com a forma de conceber a escrita: podemos perceber analisando alguns aspectos como a ausência de preocupação com a métrica, rima e ritmo, linguagem prosaica, uso da linguagem coloquial, uso do presente do indicativo, poucas metáforas, associações e paralelismos diretos.

Da mesma forma, Deleuze e Guattari (1995) propõem o fim da raiz principal e o surgimento da multiplicidade de ramificações espalhadas horizontalmente, o rizoma:

O rizoma nele mesmo tem formas muito diversas, desde sua extensão superficial ramificada em todos os sentidos até suas concreções em bulbos e tubérculos. Há rizoma quando ratos deslizam uns sobre outros. Há o melhor e o pior no rizoma: a batata e o grama, a erva daninha. Animal e planta, a grama é o capim-pé-de-galinha (DELEUZE E GUATTARI, 1995, p.15).

Um rizoma é um sistema que necessita estar todo interligado para funcionar, e é pela relação entre Pessoa e os heterônimos, bem como a relação recíproca que ocorre entre a escrita e os diferentes gêneros textuais que destacamos o rizoma como conceito central neste trabalho. Um rizoma, assim como um poema, “pode ser rompido, quebrado em um lugar qualquer” (DELEUZE E GUATTARI, 1995, p.18); assim como um poema permite a leitura não linear, intertextualizações, diálogos, uma multiplicação de significações.

A linguagem, neste contexto, pode ser compreendida como a desterritorialização da realidade, pois “escrever é devir, mas não é absolutamente tornar-se escritor. É tornar-se outra coisa” (DINIS, 2003, p.15), e Pessoa é certamente um mestre na arte de se desterritorializar e encontrar na escrita o devir. Como Pessoa afirma, escrever é esquecer, é viver tão intensamente a ponto de chegar ao devir intenso; uma forma de expressão que vai além do vivível, uma forma de expressar que vai além do que as palavras cotidianas nos permitem expressar; a poesia não simula a vida, mas é a vida em devir:

Escrever é esquecer. A literatura é a maneira mais agradável de ignorar a vida. A música embala, as artes visuais animam, as artes vivas (como a dança e a arte de representar) entretêm. A primeira, porém, afasta-se da vida por fazer dela um sono; as segundas, contudo, não se afastam da vida - umas porque usam de fórmulas visíveis e, portanto vitais, outras porque vivem da mesma vida humana.

Não é o caso da literatura. Essa simula a vida. Um romance é uma história do que nunca foi e um drama é um romance dado sem narrativa. Um poema é a expressão de ideias ou de sentimentos em linguagem que ninguém emprega, pois que ninguém fala em verso. (PESSOA, 1982, p.392-393)

Desse modo, Pessoa e a criação dos heterônimos podem ser vistos como um rizoma no literário mundial, por possuir muitas ramificações enquanto autor (múltiplos em um), como também por representar muitas ramificações dentro dos gêneros literários, em obras que são prosa e também em poesias carregadas de filosofia, história, psicologia.

“Escrever nada tem a ver com significar, mas com agrimensar, cartografar, mesmo que sejam regiões ainda por vir [...]” (DELEUZE E GUATTARI, 1995, p. 18), as

diferentes possibilidades de leitura da obra Pessoa fazem com que a obra seja desterritorializada, um rizoma, pelas diferentes conexões externas possíveis na leitura das obras.

Assim, as conexões não apresentam linearidade de relação de sentido, diferentes sentidos não criam conexão padrão, mas reforçam a heterogeneidade; o que reflete o caráter da leitura do poema como possibilidade e não como verdade absoluta. Por isso, nosso objetivo em utilizar o conceito de rizoma para ler Pessoa, buscando perceber as experiências de devires do autor, especialmente em Caeiro. Nosso objetivo trata-se de relacionar o rizoma, sua pluralidade, com a pluralidade da obra de F.P; bem como relacionar o conceito de devir dos filósofos Deleuze e Guattari na forma de pensar o escrever de Caeiro.

Tendo a forma rizomática como uma forma de expressar a desterritorialização da filosofia e da poesia, as palavras assumem não a busca pela explicação exata de “verdades”, mas uma criação de possibilidades infinitas de significações como forma de conceber a palavra.

Para realizar este trabalho, buscamos articular o pensamento de Gilles Deleuze (1925-1995) e Félix Guattari (1930-1992) à produção poética de Fernando Pessoa, em especial à configuração de Alberto Caeiro, como personagem e poeta. De início, a ideia que possibilita uma ligação entre os dois filósofos e Pessoa, a nosso ver, é a forma rizomática como expressam o “devir”. Porque o real sempre escapa a qualquer conceitualização, as palavras e os conceitos pretendem dar conta de algo que é da ordem do “escapamento”, ou seja, nada pode garantir que a realidade se dá dessa ou daquela forma. Os conceitos e teorias como conhecidos hoje são resultado de um longo processo de formação, tudo

remete a um trabalho do pensamento inconsciente e que consiste em desfazer, sem nunca destruir, um sistema de pensamento hegemônico e dominante. Desconstruir é de certo modo resistir à tirania do Uno, dos logos, da metafísica (ocidental) na própria língua em que é enunciada, com a ajuda do próprio material deslocado, movido com fins de reconstrução combinantes. (DERRIDA E ROUDINESCO, 2004, p.9)

O conceito de rizoma é essencial devido ao fato de buscarmos um constante questionamento, uma reorganização de ideias operadas pela lógica de “construir e destruir”. Nosso objetivo não é dar respostas definitivas; diante de tantos estudos sobre Fernando Pessoa, buscamos representar nossa inquietação através do devir-Pessoa. Nessa perspectiva, devir-Pessoa é partir do uno para o múltiplo das

heteronímias, abrindo mão do processo de permanência e tomando consciência do caráter fluido e inconstante da escrita; “o leitor é chamado a terminar o inacabado, mas de modo a criar um exterior-interior dentro de si” (GIL, 2010, p. 21), o qual desconstrói a si mesmo e constrói um espaço possibilidades de leitura proliferantes. Nesse sentido,

Desconstruir uma oposição é mostrar que ela não é natural e nem inevitável, mas uma construção, produzida por discursos que se apoiam nela, e mostrar que ela é uma construção num trabalho de desconstrução que busca dismantelá-la e reinscrevê-la – isto é, não destruí-la, mas dar-lhe uma estrutura e funcionamento diferentes. (CULLER, 1999, p.122)

Segundo o estudioso de Derrida no Brasil, Paulo Cesar Duque-Estrada (2010, p. 1), a palavra desconstrução é anterior a Derrida:

[...] é importante lembrar que, num certo sentido, tal palavra é anterior a Derrida; ela vem de Heidegger. No período inicial de sua trajetória filosófica, Heidegger propunha um projeto que chamou de “destruição da metafísica”, o qual, na verdade, nada tinha de destrutivo; pelo contrário, ele buscava libertar os conceitos que, ao longo da tradição, haviam enrijecido, pelo hábito de sua transmissão, em estruturas semânticas estáveis, fazendo-os retornar à experiência originária de pensamento da qual haviam brotado. Em sua própria língua, Heidegger pôde chamar de *Destruktion* esse procedimento que consistia, basicamente, em uma desmontagem das estruturas tão evidentes quanto ossificadas de sentido, permitindo ao conceito uma abertura ao âmbito em que ele fora originariamente pensado. Muito sinteticamente, Heidegger pretendia retomar a experiência do sentido do ser que caíra no esquecimento, no decorrer da tradição, com a progressiva adesão do pensamento ao sentido objetivo das coisas. Derrida, por sua vez, percebeu ser impossível evitar a conotação fortemente negativa caso vertesse o termo alemão para o francês *destruction*. O termo “desconstrução” (*deconstruction*) lhe pareceu mais apropriado para captar esta ideia – de uma desmontagem que desenclausura e libera, permitindo a re-tomada de uma experiência originária de pensamento ocultada pela familiaridade conquistada no manejo dos conceitos – inicialmente contida no projeto de Heidegger.

Certamente Derrida apresenta-se atravessado por diversos outros pensadores na construção do conceito, entre eles Nietzsche, Blanchot, Bataille, Kierkegaard, Artaud, Jabès, Saussure e Lévi-Strauss, pensadores que levam o pensador da Desconstrução a buscar um engajamento radical com a realidade. Para Derrida, o filósofo deve pensar na desconstrução, pois os textos carregam em seu íntimo a própria desconstrução, como aponta H. Lobo:

O filósofo, em seu amor pelo mundo, deve suportar estar diante do trauma que é a desconstrução do próprio mundo, da precariedade de sentidos e da espectralidade do real, e estar sempre disposto a denunciar toda e qualquer

postura autoritária que tente apresentar o mundo em sua plenitude, o real em sua totalidade, espantando assim o assombro originário que é o que inaugura a própria filosofia. (LOBO, 2014)

A desconstrução, segundo Derrida, de “algo” já presente do discurso, ou seja, toda “origem” nunca é “original”, pois está sempre carregada por uma palavra, um termo, um conceito, um discurso. Portanto, a expressão “desconstrução” cunhada por Derrida diz respeito a expressar algo que já faz parte do significado, mas não foi “lido” ainda, há novas possibilidades de compreensão.

No livro *Gramatologia* (1999), Derrida busca demonstrar que a desconstrução é uma ocorrência no mundo, e na abertura do livro afirma que “a escrita começa a ultrapassar a extensão da linguagem”. Para o filósofo, com a proliferação da linguagem, esta ganha lugar secundário,

[...] toda palavra é sempre “secundária” já que ela nunca pode alcançar, possuir, se unir à coisa à qual ela se refere, pois não há nada “em si” que ela pudesse alcançar; as coisas do mundo, e até o próprio mundo, não existem fora ou anteriormente ao movimento da escritura. (DERRIDA, 1999, p. 1)

Dessa forma, a linguagem e as coisas em geral passam a ser pensadas de outra forma. Ou seja, para Derrida nada se mostra “enquanto tal”, mesmo que haja uma pretensão da linguagem, de expressar o mundo enquanto tal; o que ocorre é o correlato de uma das intermináveis possibilidades da linguagem. A singularidade sofre a redução à lógica do discurso, que é universalizada; tal acontecimento não é passível de conserto, pois representa a dissimetria estrutural da própria linguagem. Como afirma Duque-Estrada (2010), “sua irredutível afirmatividade e incondicional abertura ao devir [...] A escritura tudo atravessa e a ela se entrega o pensador desconstrutor”.

Diante do exposto, é possível relacionar a desconstrução com a poesia de Caeiro, visto que este afirma que o mundo simplesmente é; entretanto, as palavras e a poesia não dão conta de expressar o que é, sendo preciso abrir os olhos para ver. Essa busca por encontrar e perceber a não possibilidade de uma verdade absoluta no discurso é o que pode ser expresso pelo rizoma, quando vemos a infinitude das possibilidades, a linguagem enquanto multiplicidade.

O rizoma aparece neste trabalho como um conceito chave, pois ele atesta a possibilidade aleatória de diferentes elaborações produzirem novas mudanças. O rizoma é versátil, podendo admitir a partir de si elementos diversos; o que faz com que “possa dialogar com a heteronímia” (GARCIA, 2014, p. 110).

O rizoma é um conceito que poderia ser explicado através do “subtrair o único da multiplicidade a ser constituída” (DELEUZE E GUATTARI, 2000, p.14), e é possível relacioná-lo com a heteronímia partindo do pressuposto de que a heteronímia direciona seu próprio pensamento, movimento. Nesse sentido, percebe-se a multiplicidade, as partes funcionam independentes do uno, do todo; tratando-se de Pessoa, não seria possível designar uma identidade fixa para a autoria de uma obra. Diversas linhas formam o rizoma, não havendo uma conexão padrão, o que se percebe é uma não linearidade nos sistemas-rizomas.

Como principais características do rizoma, os autores apontam seis princípios, sendo os dois primeiros unidos, o 1º e 2º princípios são de conexão e de heterogeneidade: “qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo”. (DELEUZE E GUATTARI, 2000, p.15)

Um movimento que é sempre contínuo, que não cessa; novas conexões se formam, qualquer ponto pode ligar-se a outro.

Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra no meio, entre as coisas, inter-ser, *intermezzo*. [...] Entre as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio (DELEUZE E GUATTARI, 1995, p. 20).

O conceito de rizoma visto de tal forma pode ser relacionado com a heteronímia, visto que em Pessoa a heteronímia não possui um início ou fim, não há um começo, mas qualquer um dos heterônimos está conectado com o todo sem ser o todo; a raiz principal é sucumbida pelas ramificações. Como outra característica temos;

3º - Princípio da multiplicidade: é somente quando o múltiplo é efetivamente tratado como substantivo, multiplicidade, que ele não tem mais nenhuma relação com o uno como sujeito ou como objeto, como realidade natural ou espiritual, como imagem e mundo. As multiplicidades são rizomáticas e denunciam as pseudomultiplicidades arborescentes. [...] uma multiplicidade não tem nem sujeito nem objeto, mas somente determinações, grandezas, dimensões que não podem crescer sem que mude de natureza [...] (DELEUZE E GUATTARI, 2000, p.15).

Desse modo, cada um dos heterônimos ganha vida própria e apresenta pseudomultiplicidades; bem como cada obra pode ser lida segundo um viés, o que não implica em leituras certas ou erradas, mas experimentações carregadas de

significados, uma matriz teórica capaz de ser associada a diferentes áreas do conhecimento.

“Não existem pontos ou posições num rizoma como se encontra numa estrutura, numa árvore, numa raiz. Existem somente linhas” (DELEUZE E GUATTARI, 2000, p 16), Pessoa delinea um universo de atuações rizomáticas, novas configurações e arranjos são criados ainda até hoje acerca da heteronímia, multiplicados, renovados e até mudados. As noções de multiplicidade e rizoma proporcionam revelar a heteronímia e a relação de fundo que possuem as diferentes áreas do conhecimento, aqui sendo destacadas a filosofia e a poesia.

4º - Princípio de ruptura a-significante: contra os cortes demasiado significantes que separam as estruturas, ou que atravessam uma estrutura. Um rizoma pode ser rompido, quebrado em um lugar qualquer, e também retoma segundo uma ou outra de suas linhas e segundo outras linhas. [...] há ruptura no rizoma cada vez que linhas segmentares explodem numa linha de fuga, mas a linha de fuga faz parte do rizoma. Estas linhas não param de se remeter umas às outras. (DELEUZE E GUATTARI, 2000, p. 16-19)

Linhas de fuga são parte do rizoma. Na mesma ótica, uma obra de um heterônimo permite uma leitura não linear, com retrocessos e diferentes ligações com outros textos; uma proposta de abordagem dos textos diferente da clássica.

5º e 6º - Princípios de cartografia e de decalcomia: um rizoma não pode ser justificado por nenhum modelo estrutural ou gerativo. Ele é estranho a qualquer ideia de eixo genético ou de estrutura ou gerativo. Ele é estranho a qualquer ideia de eixo genético ou de estrutura profunda. (DELEUZE E GUATTARI, 2000, p. 20)

O rizoma não possui início ou fim, são suas ramificações, bem como as diferentes formas de ler as obras de Pessoa não apresentam linearidade, mas são autores e obras que são ramificados. Os devires levam as diversas linhas, a escolha desta ou daquela linha, o devir-Pessoa, pode acontecer de diversas formas.

Deleuze e Guattari (2004) opõem-se ao mundo das essências; para eles o “acontecimental” é inseparável das frases e do devir do mundo. Deleuze evita a palavra “ser” ao máximo, para ele o que há é o “devir mesmo”, “porque à medida que alguém se transforma, aquilo em que ele se transforma muda tanto quanto ele próprio [...] os devires são de dupla captura” (PARNET, 1997, p. 8); devir é passar por devires, máquinas desejantes ou agenciamentos, não há devir em geral; devires não são sonhos ou o imaginário; ao contrário, são a consistência do real. O encontro de dois termos que se “desterritorializam” mutuamente se dá numa outra forma de viver e de

sentir, e “faz surgir”. Deleuze e Guattari (2012) insistem na reciprocidade do processo e em sua assimetria. O critério de seleção para os tipos de devires é um fim imanente, ou seja, em que medida o devir quer a si mesmo.

Devires-criança e devires-mulher parecem assim levar a mais longe do que os devires-animais, pois tendem para um terceiro grau onde o termo devir não é nem mesmo atribuível, para uma assignificância que não se presta mais ao menor reconhecimento ou à menor interpretação, e onde as perguntas “o que se passa?” Como vai isso assumem uma ascendência definitiva sobre “o que isso quer dizer?”: não a renúncia ao sentido, mas, ao contrário, sua produtividade numa recusa da confusão sentido-significação e da distribuição sedentária das propriedades. Esse terceiro grau, embora não haja aí nem progressão dialética nem série fechada, chama-se “devir-intenso”, “devir-molecular”, “devir-imperceptível” ou “devir-todo-mundo” (cf. ZOURABICHVILI, 2004, p. 24-25).

Segundo Deleuze e Guattari (2012), mesmo uma mulher “tem que devir-mulher”, ou seja, não é ser uma identidade definida por referência ao homem, mas reencontrar o ponto de sua autoafirmação. Isto é, não há um mundo das formas fixas e um mundo do devir, mas diferentes estados da linha, cuja imbricação constitui o mapa remanejável de uma vida. Considerando a intuição como movimentos da imanência, o pensador tem visões que poderiam confundir-se com o devir-filosófico acerca do mundo, inventando seu próprio aparelho de orientação; “elas não estão fora da linguagem, elas são seu fora” (ZOURABICHVILI, 2004, p. 50). Se utilizarmos uma descrição spinozista, veremos que pode se tratar de um plano fixo, o sujeito percebe e experimenta o que ele é adjacente, “sinto que me torno outro, logo eu era, logo era eu!” (ZOURABICHVILI, 2004, p. 45).

Para os autores, o pensamento remete à experimentação, a palavra gênese adquire seu valor etimológico de devir, sem origem, somente a multiplicidade das multiplicidades; em Deleuze não há o real, o que há é o jogo móvel do múltiplo, o eterno “ser do devir” (ZOURABICHVILI, 2004, p. 59).

Na relação da vespa e da orquídea deve-se considerar a vida não orgânica do “bloco de devir” que carrega as duas formas de vida organizada, entrelaçadas uma a outra até transpor um limiar de existência em que elas se pressupõem mutuamente. A vida não orgânica é um exemplo típico de conceito deleuziano [...] (ZOURABICHVILI, 2004, p. 62).

Em Deleuze, o todo só pode ser pensado mediante tempo em sua dimensão heterogênea, uma síntese que põe em jogo todo devir.

Nesse sentido, escrever é devir, é traçar linhas de fuga da realidade. De acordo com Garcia (2014, p. 47), “o devir forma blocos que desterritorializam os termos antes pautados pela ideia de identidade e unidade, apresentando em si sua imbricação em uma dimensão impessoal”. A expressão poética de F.P é um movimento constantemente aberto e o leitor, tanto quanto o poeta, passa a estar associado a uma heteronimização para que possa terminar o inacabado. Devir-Pessoa é o processo no qual o leitor “para acabar o espaço inacabado que lhe é proposto, é atraído para o interior virtual, a fim de ocupar o lugar para o qual é convocado” (GIL, 2010, p. 21). Tal processo, na obra do autor F.P, é causado pela experimentação das diversas sensações, em que as linhas do mundo, do vivido com o mundo do escrito podem se cruzar, intercalar-se; um movimento que perpassa linhas de fuga da poesia e filosofia:

Um devir-Pessoa é o movimento que se apossa do leitor fazendo-o confrontar-se com forças que o capturam por contágio, fazendo-o participar dessa dimensão própria da heteronímia, não restrita à obra de Pessoa. [...] algo em nós é capaz de produzir o outramento, de cuja consciência depende o fascínio causado pela escrita pessoana. (GARCIA, 2014, p.16)

É importante ressaltar que “o que é real é o próprio devir” (DELEUZE E GUATTARI, 2012, p. 19), não é uma evolução, é da ordem da aliança, um verbo com sua consistência e “não se faz na imaginação, mesmo quando a imaginação atinge o nível cósmico ou dinâmico mais elevado” (DELEUZE E GUATTARI, 2012, p. 18). Dentro das obras vamos perceber como o devir se apresenta; a obra pessoana leva a devires que se multiplicam, os quais serão buscados na leitura do poema O Guardador de Rebanhos.

Em sua singularidade, F.P conseguia “devir-todo mundo”, suas obras representam ascese, sobriedade e criatividade, “devir todo mundo é fazer mundo, fazer um mundo” (DELEUZE E GUATTARI, 2012, p. 77), e conjugando com uma multiplicidade de linhas se faz um mundo que pode recobrir o primeiro.

Em seu livro *Atual e o Virtual* (1996), Deleuze apresenta “a teoria das multiplicidades”, afirmando a seguir que “toda multiplicidade implica elementos atuais e elementos virtuais” (p. 49). O autor coloca uma “partícula” no lugar do atual (com suas imagens virtuais) e “percepções” no mesmo lugar (mas dessa vez com as lembranças no lugar do virtual). E é na relação do atual com o virtual que Deleuze vai localizar o plano de imanência:

O plano de imanência compreende a um só tempo o virtual e sua atualização, sem que possa haver aí limite assimilável entre os dois. O atual é o complemento ou o produto, o objeto da atualização, mas esta não tem por sujeito senão o virtual. A atualização pertence ao virtual. A atualização do virtual é a singularidade, ao passo que o próprio atual é a individualidade constituída. O atual cai para fora do plano como fruto, ao passo que a atualização o reporta ao plano como àquilo que reconverte o objeto em sujeito. (DELEUZE, 1996, p. 51)

Para Deleuze, multiplicidade implica elementos atuais e elementos virtuais, todo atual rodeia-se de imagens virtuais. Circuitos coexistentes sobre os quais passam as imagens virtuais. Uma partícula atual emite e absorve virtuais próximas. Eles são ditos virtuais à medida que sua emissão e absorção, sua criação e destruição acontecem num tempo menor do que o mínimo de tempo contínuo pensável, mantidos sob um princípio de incerteza ou de indeterminação.

Todo atual rodeia-se de círculos sempre renovados de virtualidades e cada uma faz o mesmo indefinidamente. Uma percepção é como uma partícula: uma percepção atual rodeia-se de uma nebulosidade de imagens virtuais que se distribuem sobre circuitos moventes cada vez mais distantes, cada vez mais amplos, que se fazem e se desfazem. São lembranças de ordens diferentes: diz-se serem imagens virtuais à medida que sua velocidade ou sua brevidade as mantém aqui sob um princípio de inconsciência. (DELEUZE, 1996, p. 49)

As imagens virtuais reagem sobre o atual. Elas medem um *continuum* determinado em cada caso por um máximo de tempo pensável. Assim, o objeto atual se torna por sua vez virtual. Portanto, objeto e imagem são ambos, aqui, virtuais e constituem o plano de imanência onde se dissolve o objeto atual. Mas o atual passou por um processo de atualização, o virtual nunca é independente das singularidades que o dividem no plano de imanência. O plano divide-se então numa multiplicidade de planos e todos os planos formam apenas um único. E então o plano de imanência compreende a um só tempo o virtual e sua atualização, sem que possa haver limite assimilável entre os dois. Tendo em vista que uma partícula cria efêmeros, uma percepção evoca lembranças e o movimento inverso também se impõe: o virtual aproxima-se do atual para dele distinguir-se cada vez menos e, atinge-se o objeto atual e sua imagem virtual: uma partícula atual tem seu duplo virtual. A troca perpétua entre o virtual e o atual define um cristal, desse modo o atual e o virtual coexistem, uma individuação como processo, o atual e seu virtual. Não mais uma atualização, mas uma cristalização. Então, a pura virtualidade não tem mais que se atualizar, uma vez que é estritamente correlativa ao atual e não há mais inassinalabilidade do atual

e do virtual, mas indiscernibilidade entre os dois termos que se intercambiam.

A distinção entre o virtual e o atual corresponde à cisão mais fundamental do Tempo, fazer passar o presente e conservar o passado, o “devir”. Nesse ínterim, o presente é um dado variável medido por um tempo contínuo, movimento numa única direção, o presente passa à medida que esse tempo se esgota. Sobretudo, é o presente que passa, que define o atual. O virtual aparece num tempo menor do que aquele que mede o mínimo de movimento numa direção única. Eis por que o virtual é “efêmero”.

E é também no virtual que o passado se conserva, já que o efêmero não cessa de continuar no “menor” seguinte, que remete a uma mudança de direção. O tempo menor do que o mínimo de tempo contínuo pensável numa direção é também o mais longo tempo, mais longo do que o máximo de tempo contínuo pensável em todas as direções. O presente passa (em sua escala), ao passo que o efêmero conserva e conserva-se (na sua escala). Os virtuais comunicam-se imediatamente por cima do atual que os separa. (DELEUZE, 1996,p.49.)

Os dois aspectos do tempo intercambiam-se na cristalização até se tornarem indiscerníveis, cada um se apropriando do papel do outro, em uma relação que constitui sempre um circuito. O plano de imanência contém a um só tempo a atualização como relação do virtual com outros termos, e mesmo o atual como termo com o qual o virtual se intercambia.

PALAVRAS FINAIS

Abordar a produção de Fernando Pessoa, enfatizando a poesia de Alberto Caeiro, de forma a relacioná-la aos conceitos de rizoma, devir, atual e virtual, de Gilles Deleuze e Felix Guattari mostrou-se um trabalho intenso. Intenso em sensações e percepções poéticas e filosóficas.

Por isso, não é possível propor conclusões para os conceitos ou para experimentações, para os questionamentos do poeta. O que propomos é a junção de intensidades múltiplas, intensidades que problematizem a existência e permitam que o ser humano não deixe de inquietar-se.

Compreendemos que as linguagens, assim como o mundo, propõem devires.

Buscar um devir intenso com o mundo é ir atrás de singulares formas de interpretar a existência humana e olhar para o já conhecido com outras formas de olhar: olhar a palavra e relacioná-la com novos conceitos, outras ideias, novas ramificações. Palavras não são vistas como verdades fechadas por Deleuze e Guattari, bem como Fernando Pessoa é o poeta que buscou recriar-se e metamorfosear-se, não tendo nenhuma vida ou palavra como absoluta e fechada, e é através de Caeiro que essa angústia se torna um sentir com devires “aqui e agora”; é por esse motivo a opção de caminhar junto com esses pensadores, através das linhas rizomáticas deleuziguattarianas da poesia.

Uma tentativa de dar vida à leitura filosófico-literária, de refletir a poesia junto com grandes filósofos contemporâneos, sobretudo questionar conceitos e existência, interrogar-se como ser dentro de uma existência particular e múltipla.

Para realizar uma interpretação filosófico-literária e questionar a existência particular e múltipla optamos por tornar o poema de Alberto Caeiro e a filosofia de Deleuze e Guattari o coração desta dissertação; relacionamos e criamos ramificações às percepções de mundo expostas na obra poética e nas percepções de mundo expostas na filosofia.

Pessoa, em Caeiro, anuncia a manifestação de uma vida sempre aberta para uma nova forma de experimentar, para a existência em sua totalidade; em suas diversas manifestações e formas de sensibilidade. Para tanto, o eu lírico compreende que as palavras nunca darão conta de expressar o mundo em suas infinitudes, mas também o homem não é capaz de se dar conta das infinitas possibilidades dos

conceitos e das palavras; estas se fazem rizomáticas porque apresentam existência própria.

O ente experimentando o devir, linhas rizomáticas que se entrelaçam e o levam a encontrar novas formas de conceber sua existência, além daquelas que já foram julgadas e ditas como verdadeiras.

Caeiro, Deleuze e Guattari nos levaram, e continuarão a levar, a experimentar novas linhas, problematizar a visão da vida humana, considerando a experimentação da língua como forma de devir, de criar o rizoma.

E por essa possibilidade de questionar a linguagem, de questionar a existência, de perguntar-se acerca de qual é a matéria-prima da existência que este trabalho está debruçado. A possibilidade de caminhar todos os dias por novas linhas, de retornar com o indizível do silêncio e saber de sua indizibilidade.

Sabendo que o vivido é impossível de ser expresso, mas que o inexpressivo é a carga semântica da vida, e somente quando a linguagem é questionada podemos perceber suas possibilidades, a linguagem precisa ser experimentada.

Transgredir é perceber a linguagem em seus devires, fazer da poesia e da filosofia a contínua busca por experimentar linhas rizomáticas, entender que todo o escrito tem muitas linhas por serem ramificadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGÊNCIA BRASIL. **Empresa Brasil de Comunicação**. Disponível em:

<<http://www.ebc.com.br/cultura/2013/06/conheca-a-biografia-de-fernando-pessoa-e-de-seus-heteronimos>>. Acesso em: 13/06/2013.

CAVALCANTI FILHO, José Paulo. **Fernando Pessoa: uma (quase) autobiografia**. (Consigna um capítulo intitulado “Biografia dos 127 heterónimos”). Rio de Janeiro, Record, 2011.

CULLER, Jonathan. **Sobre a Desconstrução**: teoria e crítica do pós-estruturalismo. Trad. Patrícia Burrowes. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos, 1997.

DELEUZE, Gilles. O atual e o virtual. In: ALLIEZ, Éric. **Deleuze Filosofia Virtual**. (trad. Heloísa B.S. Rocha). São Paulo: Ed.34 , 1996.

_____. **A filosofia virtual**. (trad. Heloísa B.S. Rocha). São Paulo: Ed.34.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Por uma literatura menor**. Edição 0789. Ed. Minuit. Lisboa, Portugal, 2003.

_____. **O que é a filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Munoz. Rio de Janeiro: 34 ed., 1992.

_____. **Mil Platôs - Capitalismo e Esquizofrenia. vol.1**. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34., 1995.

_____. **Crítica e Clínica**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo, Editora 34,1997.

_____. **Mil Platôs - Capitalismo e Esquizofrenia, vol. 4**. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012.

DELEUZE, Gilles; PARNET Claire. **Dialogues**. Paris: Flammarion, 1996.

DERRIDA, Jacques; ROUDINESCO, Elizabeth. **De que amanhã . . . diálogos**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

_____. **Gramatologia**. Tradução de Mirian Chnaiderman e Renato Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 1999.

DUQUE-ESTRADA, Paulo Cesar. **Desconstrução e Incondicional Responsabilidade**. 2010. Disponível em: [<http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/desconstrucao-e-incondicional-responsabilidade/>](http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/desconstrucao-e-incondicional-responsabilidade/).

FRANK, Marion. **Revista Educar para Crescer**. Disponível em: <http://educarparacrescer.abril.com.br/leitura/fernando-pessoa-617411.shtml>.

FEARN, Nicholas. Derrida e a desconstrução. **Aprendendo a filosofar em 25 lições: do poço a desconstrução de Derrida**. Tradução por Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. p.172-179.

FONSECA, Orlando. **O fenômeno da produção poética**. Santa Maria: Editora Ufsm, 2001.

GARCIA, Gabriel Cid de. A eloquência do mundo: Fernando Pessoa entre a literatura e a filosofia. **Fernando Pessoa, entre a literatura e a filosofia**. 1. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

GIL, José. **O devir eu de Fernando Pessoa**. Lisboa: Relógio de água, 2010.

_____. **Fernando Pessoa ou A metafísica das sensações**. Tradução de Miguel S. Pereira e Ana L. Faria. Lisboa: Editora Relógio d Água, 1987.

GULLAR, Ferreira. **A Razão Poética**. *Folha de São Paulo*, São Paulo: 10 nov. 1996. Caderno Mais! Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/gular04.html>.

LOBO, Rafael Haddock. **A Desconstrução**. Revista Cult. Ano: 2014, edição 195. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2014/10/a-desconstrucao/>>.

LOPES, Teresa Rita. **Pessoa por Conhecer**. Lisboa: Estampa, 1990, vol.I.

MOISÉS, Carlos Felipe. **Conversa com Fernando Pessoa**: Entrevista e antologia. São Paulo: Ática, 2007.

MOISÉS, Massaud. **Fernando Pessoa**: o espelho e a esfinge. São Paulo: Cultrix, 1998.

NIETZSCHE, Friedrich. *Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe (KSA)*. Organizada por Giorgio Colli e Mazzino Montinari. Berlim: Walter de Gruyter & CO., 1967-1978. 15 v.

PERRONE-MOISES, Leyla. **Fernando Pessoa: Aqui do eu e além do outro**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PÉCORA, Alcir. **Medida por medida**. Instituto de Estudos de Linguagem da Unicamp, Revista CULT. 2013.

PAZ, Octavio. **Signos em rotação**. São Paulo: Perspectiva, 1990.

PESSOA, Fernando. **Obras em Prosa**. Rio de Janeiro: José Aguilar Editora, 1974.

_____. **Obras Poética**. Rio de Janeiro. Editora Nova Aguilar, 1983.

_____. **Obra Poética**. Lisboa: Ática, 1942 (15ª ed. 1995).

_____. **Obras em prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005.

_____. **Obras em prosa**. Organização, introdução e notas de Cleonice Berardinelli. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.

_____. Livro do desassossego. Por Bernardo Soares. 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989, p. 232. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/vo000008.pdf>>

_____. Carta a Adolfo Casais Monteiro (13.01.1935).

In: PESSOA, Fernando. **Obras em prosa**. Organização, introdução e notas de Cleonice Berardinelli. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986. v. único.

ZOURABICHVILI, François. **O Vocabulário de Deleuze**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <<http://claudioulpiano.org.br.s87743.gridserver.com/wp-content/uploads/2010/05/deleuze-vocabulario-francois-zourabichvili1.pdf>>.

ANEXOS

O Guardador de Rebanhos

I

Eu nunca guardei rebanhos,
Mas é como se os guardasse.
Minha alma é como um pastor,
Conhece o vento e o sol
E anda pela mão das Estações
A seguir e a olhar.
Toda a paz da Natureza sem gente
Vem sentar-se a meu lado.
Mas eu fico triste como um pôr de sol
Para a nossa imaginação,

Quando esfria no fundo da planície
E se sente a noite entrada
Como uma borboleta pela janela.
Mas a minha tristeza é sossego
Porque é natural e justa
E é o que deve estar na alma
Quando já pensa que existe
E as mãos colhem flores sem ela dar por isso.
Como um ruído de chocalhos
Para além da curva da estrada,
Os meus pensamentos são contentes.
Pensar incomoda como andar à chuva
Quando o vento cresce e parece que chove mais.
Não tenho ambições nem desejos
Ser poeta não é ambição minha
É a minha maneira de estar sozinho.
E se desejo às vezes
Por imaginar, ser cordeirinho
(Ou ser o rebanho todo
Para andar espalhado por toda a encosta
A ser muita coisa feliz ao mesmo tempo),
É só porque sinto o que escrevo ao pôr do sol,
Ou quando uma nuvem passa a mão por cima da luz
E corre um silêncio pela erva fora.
Quando me sento a escrever versos
Ou, passeando pelos caminhos ou pelos atalhos,
Escrevo versos num papel que está no meu pensamento,
Sinto um cajado nas mãos
E vejo um recorte de mim
No cimo dum outeiro,
Olhando para o meu rebanho e vendo as minhas ideias,
Ou olhando para as minhas ideias e vendo o meu rebanho,
E sorrindo vagamente como quem não compreende o que se diz
E quer fingir que compreende.

Saúdo todos os que me lerem,
Tirando-lhes o chapéu largo
Quando me vêem à minha porta
Mal a diligência levanta no cimo do outeiro.
Saúdo-os e desejo-lhes sol,
E chuva, quando a chuva é precisa,
E que as suas casas tenham
Ao pé duma janela aberta
Uma cadeira predileta
Onde se sentem, lendo os meus versos.
E ao lerem os meus versos pensem
Que sou qualquer cousa natural -
Por exemplo, a árvore antiga
À sombra da qual quando crianças
Se sentavam com um baque, cansados de brincar,
E limpavam o suor da testa quente
Com a manga do bibe riscado.
8-3-1914

II

O meu olhar é nítido como um girassol.
Tenho o costume de andar pelas estradas
Olhando para a direita e para a esquerda,
E de vez em quando olhando para trás...
E o que vejo a cada momento
É aquilo que nunca antes eu tinha visto,
E eu sei dar por isso muito bem...
Sei ter o pasmo essencial
Que tem uma criança se, ao nascer,
Reparasse que nascera deveras...
Sinto-me nascido a cada momento
Para a eterna novidade do mundo...
Creio no mundo como num malmequer,
Porque o vejo. Mas não penso nele

Porque pensar é não compreender...
O Mundo não se fez para pensarmos nele
(Pensar é estar doente dos olhos)
Mas para olharmos para ele e estarmos de acordo...
Eu não tenho filosofia: tenho sentidos...
Se falo na Natureza não é porque saiba o que ela é,
Mas porque a amo, e amo-a por isso,
Porque quem ama nunca sabe o que ama
Nem sabe por que ama, nem o que é amar...
Amar é a eterna inocência,
E a única inocência não pensar...

8-3-1914

III

Ao entardecer, debruçado pela janela,
E sabendo de soslaio que há campos em frente,
Leio até me arderem os olhos
O livro de Cesário Verde.
Que pena que tenho dele! Ela era um camponês
Que andava preso em liberdade pela cidade.
Mas o modo como olhava para as casas,
E o modo como reparava nas ruas,
E a maneira como dava pelas cousas,
É o de quem olha para árvores,
E de quem desce os olhos pela estrada por onde vai andando
E anda a reparar nas flores que há pelos campos...
Por isso ele tinha aquela grande tristeza
Que ele nunca disse bem que tinha,
Mas andava na cidade como quem anda no campo
E triste como esmagar flores em livros
E pôr plantas em jarros...

IV

Esta tarde a trovoada caiu
Pelas encostas do céu abaixo
Como um pedregulho enorme...
Como alguém que duma janela alta
Sacode uma toalha de mesa,
E as migalhas, por caírem todas juntas,
Fazem algum barulho ao cair,
A chuva chovia do céu
E enegreceu os caminhos...
Quando os relâmpagos sacudiam o ar
E abanavam o espaço
Como uma grande cabeça que diz que não,
Não sei porquê - eu não tinha medo -
Pus-me a rezar a Santa Bárbara
Como se eu fosse a velha tia de alguém...
Ah! é que rezando a Santa Bárbara
Eu sentia-me ainda mais simples
Do que julgo que sou...
Sentia-me familiar e caseiro
E tendo passado a vida
Tranquilamente, como o muro do quintal;
Tendo ideias e sentimentos por os ter
Como uma flor tem perfume e cor...
Sentia-me alguém que possa acreditar em Santa Bárbara...
Ah, poder crer em Santa Bárbara!
(Quem crê que há Santa Bárbara,
Julgará que ela é gente e visível
Ou que julgará dela?)
(Que artifício! Que sabem
As flores, as árvores, os rebanhos,
De Santa Bárbara?... Um ramo de árvore,
Se pensasse, nunca podia
Construir santos nem anjos...
Poderia julgar que o sol

É Deus, e que a trovoada
É uma quantidade de gente
Zangada por cima de nós...
Ah, como os mais simples dos homens
São doentes e confusos e estúpidos
Ao pé da clara simplicidade
E saúde em existir
Das árvores e das plantas!)
E eu, pensando em tudo isto,
Fiquei outra vez menos feliz...
Fiquei sombrio e adoecido e soturno
Como um dia em que todo o dia a trovoada ameaça
E nem sequer de noite chega...

V

Há metafísica bastante em não pensar em nada.
O que penso eu do mundo?
Sei lá o que penso do mundo!
Se eu adoecesse pensaria nisso.
Que ideia tenho eu das cousas?
Que opinião tenho sobre as causas e os efeitos?
Que tenho eu meditado sobre Deus e a alma
E sobre a criação do Mundo?
Não sei. Para mim pensar nisso é fechar os olhos
E não pensar. É correr as cortinas
Da minha janela (mas ela não tem cortinas).
O mistério das cousas? Sei lá o que é mistério!
O único mistério é haver quem pense no mistério.
Quem está ao sol e fecha os olhos,
Começa a não saber o que é o sol
E a pensar muitas cousas cheias de calor.
Mas abre os olhos e vê o sol,
E já não pode pensar em nada,
Porque a luz do sol vale mais que os pensamentos

De todos os filósofos e de todos os poetas.
A luz do sol não sabe o que faz
E por isso não erra e é comum e boa.
Metafísica? Que metafísica têm aquelas árvores?
A de serem verdes e copadas e de terem ramos
E a de dar fruto na sua hora, o que não nos faz pensar,
A nós, que não sabemos dar por elas.
Mas que melhor metafísica que a delas,
Que é a de não saber para que vivem
Nem saber que o não sabem?
«Constituição íntima das cousas»...
«Sentido íntimo do Universo»...
Tudo isto é falso, tudo isto não quer dizer nada.
É incrível que se possa pensar em cousas dessas.
É como pensar em razões e fins
Quando o começo da manhã está raiando, e pelos lados das árvores
Um vago ouro lustroso vai perdendo escuridão.
Pensar no sentido íntimo das cousas
É acrescentado, como pensar na saúde
Ou levar um copo à água das fontes.
O único sentido íntimo das cousas
É elas não terem sentido íntimo nenhum.
Não acredito em Deus porque nunca o vi.
Se ele quisesse que eu acreditasse nele,
Sem dúvida que viria falar comigo
E entraria pela minha porta dentro
Dizendo-me, *Aqui estou!*
(Isto é talvez ridículo aos ouvidos
De quem, por não saber o que é olhar para as cousas,
Não compreende quem fala delas
Com o modo de falar que reparar para elas ensina.)
Mas se Deus é as flores e as árvores
E os montes e sol e o luar,
Então acredito nele,

Então acredito nele a toda a hora,
E a minha vida é toda uma oração e uma missa,
E uma comunhão com os olhos e pelos ouvidos.
Mas se Deus é as árvores e as flores
E os montes e o luar e o sol,
Para que lhe chamo eu Deus?
Chamo-lhe flores e árvores e montes e sol e luar;
Porque, se ele se fez, para eu o ver,
Sol e luar e flores e árvores e montes,
Se ele me aparece como sendo árvores e montes
E luar e sol e flores,
É que ele quer que eu o conheça
Como árvores e montes e flores e luar e sol.
E por isso eu obedeço-lhe,
(Que mais sei eu de Deus que Deus de si próprio?),
Obedeço-lhe a viver, espontaneamente,
Como quem abre os olhos e vê,
E chamo-lhe luar e sol e flores e árvores e montes,
E amo-o sem pensar nele,
E penso-o vendo e ouvindo,
E ando com ele a toda a hora.

VI

Pensar em Deus é desobedecer a Deus,
Porque Deus quis que o não conhecêssemos,
Por isso se nos não mostrou...
Sejamos simples e calmos,
Como os regatos e as árvores,
E Deus amar-nos-á fazendo de nós
Belos como as árvores e os regatos,
E dar-nos-á verdor na sua primavera,
E um rio aonde ir ter quando acabemos!...

VII

Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver no Universo...
Por isso a minha aldeia é tão grande como outra terra qualquer
Porque eu sou do tamanho do que vejo
E não do tamanho da minha altura...
Nas cidades a vida é mais pequena
Que aqui na minha casa no cimo deste outeiro.
Na cidade as grandes casas fecham a vista à chave,
Escondem o horizonte, empurram o nosso olhar para longe de todo o céu,
Tornam-nos pequenos porque nos tiram o que os nossos olhos nos podem
dar,
E tornam-nos pobres porque a nossa única riqueza é ver.

VIII

Num meio-dia de fim de primavera
Tive um sonho como uma fotografia
Vi Jesus Cristo descer à terra.
Veio pela encosta de um monte
Tornado outra vez menino,
A correr e a rolar-se pela erva
E a arrancar flores para as deitar fora
E a rir de modo a ouvir-se ao longe.
Tinha fugido do céu.
Era nosso demais para fingir
De segunda pessoa da Trindade.
No céu era tudo falso, tudo em desacordo
Com flores e árvores e pedras.
No céu tinha que estar sempre sério
E de vez em quando de se tornar outra vez homem
E subir para a cruz, e estar sempre a morrer
Com uma coroa toda à roda de espinhos
E os pés espetados por um prego com cabeça,
E até com um trapo à roda da cintura
Como os pretos nas ilustrações.
Nem sequer o deixavam ter pai e mãe

Como as outras crianças.
O seu pai era duas pessoas...
Um velho chamado José, que era carpinteiro,
E que não era pai dele;
E o outro pai era uma pomba estúpida,
A única pomba feia do mundo
Porque não era do mundo nem era pomba.
E a sua mãe não tinha amado antes de o ter.
Não era mulher: era uma mala
Em que ele tinha vindo do céu.
E queriam que ele, que só nascera da mãe,
E nunca tivera pai para amar com respeito,
Pregasse a bondade e a justiça!
Um dia que Deus estava a dormir
E o Espírito Santo andava a voar,
Ele foi à caixa dos milagres e roubou três.
Com o primeiro fez que ninguém soubesse que ele tinha fugido.
Com o segundo criou-se eternamente humano e menino.
Com o terceiro criou um Cristo eternamente na cruz
E deixou-o pregado na cruz que há no céu
E serve de modelo às outras.
Depois fugiu para o sol
E desceu pelo primeiro raio que apanhou.
Hoje vive na minha aldeia comigo.
É uma criança bonita de riso natural.
Limpa o nariz ao braço direito,
Chapinha nas poças de água,
Colhe as flores e gosta delas e esquece-as.
Atira pedras aos burros,
Rouba a fruta dos pomares
E foge a chorar e a gritar dos cães,
E, porque sabe que elas não gostam
E que toda a gente acha graça,
Corre atrás das raparigas

Que vão em rancho pelas estradas
 Com as bilhas às cabeças
 E levanta-lhes as saias.
 A mim ensinou-me tudo.
 Ensinou-me a olhar para as coisas.
 Aponta-me todas as coisas que há nas flores.
 Mostra-me como as pedras são engraçadas
 Quando a gente as tem na mão
 E olha devagar para elas.
 Diz-me muito mal de Deus.
 Diz que ele é um velho estúpido e doente,
 Sempre a escarrar no chão
 E a dizer indecências.
 A Virgem Maria leva as tardes da eternidade a fazer meia.
 E o Espírito Santo coça-se com o bico
 E empoleira-se nas cadeiras e suja-as.
 Tudo no céu é estúpido como a Igreja Católica.
 Diz-me que Deus não percebe nada
 Das coisas que criou -
 «Se é que ele as criou, do que duvido» -.
 «Ele diz, por exemplo, que os seres cantam a sua glória,
 Mas os seres não cantam nada.
 Se cantassem seriam cantores.
 Os seres existem e mais nada,
 E por isso se chamam seres».
 E depois, cansado de dizer mal de Deus,
 O Menino Jesus adormece nos meus braços
 E eu levo-o ao colo para casa.

.....

Ele mora comigo na minha casa a meio do outeiro.
 Ele é a Eterna Criança, o deus que faltava,
 Ele é o humano que é natural,
 Ele é o divino que sorri e que brinca.
 E por isso é que sei com toda a certeza

Que ele é o Menino Jesus verdadeiro.
E a criança tão humana que é divina
É esta minha quotidiana vida de poeta,
E é porque ele anda sempre comigo que eu sou poeta sempre,
E que o meu mínimo olhar
Me enche de sensação,
E o mais pequeno som, seja do que for,
Parece falar comigo.
A Criança Nova que habita onde vivo
Dá-me uma mão a mim
E a outra a tudo que existe
E assim vamos os três pelo caminho que houver,
Saltando e cantando e rindo
E gozando o nosso segredo comum
Que é o de saber por toda a parte
Que não há mistério no mundo
E que tudo vale a pena.
A Criança Eterna acompanha-me sempre.
A direção do meu olhar é o seu dedo apontando.
O meu ouvido atento alegremente a todos os sons
São as cócegas que ele me faz, brincando, nas orelhas.
Damo-nos tão bem um com o outro
Na companhia de tudo
Que nunca pensamos um no outro,
Mas vivemos juntos e dois
Com um acordo íntimo
Como a mão direita e a esquerda.
Ao anoitecer brincamos as cinco pedrinhas
No degrau da porta de casa,
Graves como convém a um deus e a um poeta,
E como se cada pedra
Fosse todo o universo
E fosse por isso um grande perigo para ela
Deixá-la cair no chão.

Depois eu conto-lhe histórias das cousas só dos homens
E ele sorri, porque tudo é incrível.
Ri dos reis e dos que não são reis,
E tem pena de ouvir falar das guerras,
E dos comércios, e dos navios
Que ficam fumo no ar dos altos-mares.
Porque ele sabe que tudo isso falta àquela verdade
Que uma flor tem ao florescer
E que anda com a luz do sol
A variar os montes e os vales
E a fazer doer aos olhos os muros caiados.
Depois ele adormece e eu deito-o.
Levo-o ao colo para dentro de casa
E deito-o, despindo-o lentamente
E como seguindo um ritual muito limpo
E todo materno até ele estar nu.
Ele dorme dentro da minha alma
E às vezes acorda de noite
E brinca com os meus sonhos
Vira uns em cima dos outros
E bate as palmas sozinho
Sorrindo para o meu sono.

.....

Quando eu morrer, filhinho,
Seja eu a criança, o mais pequeno.
Pega-me tu ao colo
E leva-me para dentro da tua casa.
Despe o meu ser cansado e humano
E deita-me na tua cama.
E conta-me histórias, caso eu acorde,
Para eu tornar a adormecer.
E dá-me sonhos teus para eu brincar
Até que nasça qualquer dia
Que tu sabes qual é.

.....

Esta é a história do meu Menino Jesus.
 Por que razão que se perceba
 Não há-de ser ela mais verdadeira
 Que tudo quanto os filósofos pensam
 E tudo quanto as religiões ensinam?

IX

Sou um guardador de rebanhos.
 O rebanho é os meus pensamentos
 E os meus pensamentos são todos sensações.
 Penso com os olhos e com os ouvidos
 E com as mãos e os pés
 E com o nariz e a boca.
 Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la
 E comer um fruto é saber-lhe o sentido.
 Por isso quando num dia de calor
 Me sinto triste de gozá-lo tanto,
 E me deito ao comprido na erva,
 E fecho os olhos quentes,
 Sinto todo o meu corpo deitado na realidade,
 Sei a verdade e sou feliz.

X

«Olá, guardador de rebanhos,
 Aí à beira da estrada,
 Que te diz o vento que passa?»
 «Que é vento, e que passa,
 E que já passou antes,
 E que passará depois.
 E a ti o que te diz?»
 «Muita cousa mais do que isso.
 Fala-me de muitas outras cousas.
 De memórias e de saudades

E de cousas que nunca foram.»
«Nunca ouviste passar o vento.
O vento só fala do vento.
O que lhe ouviste foi mentira,
E a mentira está em ti.»

XI

Aquela senhora tem um piano
Que é agradável mas não é o correr dos rios
Nem o murmúrio que as árvores fazem...
Para que é preciso ter um piano?
O melhor é ter ouvidos
E amar a Natureza.

XII

Os pastores de Virgílio tocavam avenas e outras cousas
E cantavam de amor literariamente.
(Depois - eu nunca li Virgílio.
Para que o havia eu de ler?)
Mas os pastores de Virgílio, coitados, são Virgílio,
E a Natureza é bela e antiga.

XIII

Leve, leve, muito leve,
Um vento muito leve passa,
E vai-se, sempre muito leve.
E eu não sei o que penso
Nem procuro sabê-lo.

XIV

Não me importo com as rimas. Raras vezes
Há duas árvores iguais, uma ao lado da outra.
Penso e escrevo como as flores têm cor
Mas com menos perfeição no meu modo de exprimir-me

Porque me falta a simplicidade divina
De ser todo só o meu exterior.
Olho e comovo-me,
Comovo-me como a água corre quando o chão é inclinado,
E a minha poesia é natural como o levantar-se o vento...

XV

As quatro canções que seguem
Separam-se de tudo o que eu penso,
Mentem a tudo o que eu sinto,
São do contrário do que eu sou...
Escrevi-as estando doente
E por isso elas são naturais
E concordam com aquilo que sinto,
Concordam com aquilo com que não concordam...
Estando doente devo pensar o contrário
Do que penso quando estou são.
(Senão não estaria doente)
Devo sentir o contrário do que sinto
Quando sou eu na saúde,
Devo mentir à minha natureza
De criatura que sente de certa maneira...
Devo ser todo doente - ideias e tudo.
Quando estou doente, não estou doente para outra coisa.

Por isso essas canções que me renegam
Não são capazes de me renegar
E são a paisagem da minha alma de noite,
A mesma ao contrário...

XVI

Quem me dera que a minha vida fosse um carro de bois
Que vem a chiar, manhãzinha cedo, pela estrada,
E que para de onde veio volta depois

Quase à noitinha pela mesma estrada.
Eu não tinha que ter esperanças - tinha só que ter rodas...
A minha velhice não tinha rugas nem cabelo branco...
Quando eu já não servia, tiravam-me as rodas
E eu ficava virado e partido no fundo de um barranco.

XVII

No meu prato que mistura de Natureza!
As minhas irmãs as plantas,
As companheiras das fontes, as santas
A quem ninguém reza...
E cortam-as e vêm à nossa mesa
E nos hotéis os hóspedes ruidosos,
Que chegam com correias tendo mantas
Pedem «Salada», descuidosos...,
Sem pensar que exigem à Terra-Mãe
A sua frescura e os seus filhos primeiros,
As primeiras verdes palavras que ela tem,
as primeiras cousas vivas e irisantes
Que Noé viu
Quando as águas desceram e o cimo dos montes
Verde e alagado surgiu
E no ar por onde a pomba apareceu
O arco-íris se esbateu...

XVIII

Quem me dera que eu fosse o pó da estrada
E que os pés dos pobres me estivessem pisando...
Quem me dera que eu fosse os rios que correm
E que as lavadeiras estivessem à minha beira...
Quem me dera que eu fosse os choupos à margem do rio
E tivesse só o céu por cima e a água por baixo...
Quem me dera que eu fosse o burro do moleiro
E que ele me batesse e me estimasse...

Antes isso que ser o que atravessa a vida
Olhando para trás de si e tendo pena...

XIX

O luar quando bate na relva
Não sei que coisa me lembra...
Lembra-me a voz da criada velha
Contando-me contos de fadas.
E de como Nossa Senhora vestida de mendiga
Andava à noite nas estradas
Socorrendo as crianças maltratadas...
Se eu já não posso crer que isso é verdade,
Para que bate o luar na relva?

XX

O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia,
Mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia
Porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia.
O Tejo tem grandes navios
E navega nele ainda,
Para aqueles que vêem em tudo o que lá está,
A memória das naus.
O Tejo desce de Espanha
E o Tejo entra no mar em Portugal.
Toda a gente sabe isso.
Mas poucos sabem qual é o rio da minha aldeia
E para onde ele vai
E donde ele vem.
E por isso, porque pertence a menos gente,
É mais livre e maior o rio da minha aldeia.
Pelo Tejo vai-se para o Mundo.
Para além do Tejo há a América
E a fortuna daqueles que a encontraram.
Ninguém nunca pensou no que há para além

Do rio da minha aldeia.
O rio da minha aldeia não faz pensar em nada.
Quem está ao pé dele está só ao pé dele.

XXI

Se eu pudesse trincar a terra toda
E sentir-lhe um paladar,
Seria mais feliz um momento...
Mas eu nem sempre quero ser feliz.
É preciso ser de vez em quando infeliz
Para se poder ser natural...
Nem tudo é dias de sol,
E a chuva, quando falta muito, pede-se.
Por isso tomo a infelicidade com a felicidade
Naturalmente, como quem não estranha
Que haja montanhas e planícies
E que haja rochedos e erva...
O que é preciso é ser-se natural e calmo
Na felicidade ou na infelicidade,
Sentir como quem olha,
Pensar como quem anda,
E quando se vai morrer, lembrar-se de que o dia morre,
E que o poente é belo e é bela a noite que fica...
Assim é e assim seja...

XXII

Como quem num dia de verão abre a porta da casa
E espreita para o calor dos campos com a cara toda,
Às vezes, de repente, bate-me a Natureza de chapa
Na cara dos meus sentidos,
E eu fico confuso, perturbado, querendo perceber
Não sei bem como nem o quê...
Mas quem me mandou a mim querer perceber?
Quem me disse que havia que perceber?

Quando o verão me passa pela cara
A mão leve e quente da sua brisa,
Só tenho que sentir agrado porque é brisa
Ou que sentir desagrado porque é quente,
E de qualquer maneira que eu o sinta,
Assim, porque assim o sinto, é que é meu dever senti-lo...

XXIII

O meu olhar azul como o céu
É calmo como a água ao sol.
É assim, azul e calmo,
Porque não interroga nem se espanta...
Se eu interrogasse e me espantasse
Não nasciam flores novas nos prados
Nem mudaria qualquer coisa no sol de modo a ele ficar mais belo...
(Mesmo se nascessem flores novas no prado
E se o sol mudasse para mais belo,
Eu sentiria menos flores no prado
E achava mais feio o sol...
Porque tudo é como é e assim é que é,
E eu aceito, e nem agradeço.
Para não parecer que penso nisso...)

XXIV

O que nós vemos das cousas são as cousas.
Por que veríamos nós uma coisa se houvesse outra?
Por que é que ver e ouvir seria iludirmo-nos
Se ver e ouvir são ver e ouvir?
O essencial é saber ver,
Saber ver sem estar a pensar,
Saber ver quando se vê,
E nem pensar quando se vê
Nem ver quando se pensa.
Mas isso (tristes de nós que trazemos a alma vestida!),

Isso exige um estudo profundo,
Uma aprendizagem de desaprender
E uma sequestração na liberdade daquele convento
De que os poetas dizem que as estrelas são as freiras eternas
E as flores as penitentes convictas de um só dia,
Mas onde afinal as estrelas não são senão estrelas
Nem as flores senão flores
Sendo por isso que lhes chamamos estrelas e flores.

XXV

As bolas de sabão que esta criança
Se entretém a largar de uma palhinha
São translucidamente uma filosofia toda.
Claras, inúteis e passageiras como a Natureza,
Amigas dos olhos como as cousas,
São aquilo que são
Com uma precisão redondinha e aérea,
E ninguém, nem mesmo a criança que as deixa,
Pretende que elas são mais do que parecem ser.
Algumas mal se vêem no ar lúcido.
São como a brisa que passa e mal toca nas flores
E que só sabemos que passa
Porque qualquer cousa se aligeira em nós
E aceita tudo mais nitidamente.
13-3-1914

XXVI

Às vezes, em dias de luz perfeita e exata,
Em que as cousas têm toda a realidade que podem ter,
Pergunto a mim próprio devagar
Por que sequer atribuo eu
Beleza às cousas.
Uma flor acaso tem beleza?
Tem beleza acaso um fruto?

Não: têm cor e forma
E existência apenas.
A beleza é o nome de qualquer coisa que não existe.
Que eu dou às coisas em troca do agrado que me dão.
Não significa nada.
Então por que digo eu das coisas: são belas?
Sim, mesmo a mim, que vivo só de viver
Invisíveis, vêm ter comigo as mentiras dos homens
Perante as coisas,
Perante as coisas que simplesmente existem.
Que difícil ser próprio e não ver senão o visível!
11-3-1914

XXVII

Só a Natureza é divina, e ela não é divina...
Se falo dela como de um ente
É que para falar dela preciso usar da linguagem dos homens
Que dá personalidade às coisas,
E impõe nome às coisas.
Mas as coisas não têm nome nem personalidade:
Existem, e o céu é grande a terra larga,
E o nosso cotação do tamanho de um punho fechado...
Bendito seja eu por tudo quanto sei.
Gozo tudo isso como quem sabe que há sol.

XXVIII

Li hoje quase duas páginas
Do livro dum poeta místico,
E ri como quem tem chorado muito.
Os poetas místicos são filósofos doentes,
E os filósofos são homens doidos.
Porque os poetas místicos dizem que as flores sentem
E dizem que os rios têm alma
E que os rios têm êxtases ao luar.

Mas as flores, se sentissem, não eram flores,
Eram gente;
E se as pedras tivessem alma, eram cousas vivas, não eram pedras;
E se os rios tivessem êxtases ao luar,
Os rios seriam homens doentes.
É preciso não saber o que são flores e pedras e rios
Para falar dos sentimentos deles.
Falar da alma das pedras, das flores, dos rios,
É falar de si próprio e dos seus falsos pensamentos.
Graças a Deus que as pedras são só pedras,
E que os rios não são senão rios,
E que as flores são apenas flores.
Por mim, escrevo a prosa dos meus versos
E fico contente,
Porque sei que compreendo a Natureza por fora;
E não a compreendo por dentro
Porque a Natureza não tem dentro;
Senão não era Natureza.

XXIX

Nem sempre sou igual ao que digo e escrevo.
Mudo, mas não mudo muito.
A cor das flores não é a mesma ao sol
De que quando uma nuvem passa
Ou quando entra a noite
E as flores são cor da sombra.
Mas quem olha bem vê que são as mesmas flores.
Por isso quando pareço não concordar comigo,
Reparem bem em mim:
Se estava virado para a direita,
Voltei-me agora para a esquerda,
Mas sou sempre eu, assente sobre os mesmos pés -
O mesmo sempre, graças ao céu e à terra
E aos meus olhos e ouvidos atentos

E à minha clara simplicidade de alma...

XXX

Se quiserem que eu tenha um misticismo, está bem, tenho-o.
Sou místico, mas só com o corpo.
A minha alma é simples e não pensa.
O meu misticismo é não querer saber.
É viver e não pensar nisso.
Não sei o que é a Natureza: canto-a.
Vivo no cimo dum outeiro
Numa casa caiada e sozinha,
E essa é a minha definição.

XXXI

Se às vezes digo que as flores sorriem
E se eu disser que os rios cantam,
Não é porque eu julgue que há sorrisos nas flores
E cantos no correr dos rios...
É porque assim faço mais sentir aos homens falsos
A existência verdadeiramente real das flores e dos rios.
Porque escrevo para eles me lerem sacrifico-me às vezes
À sua estupidez de sentidos...
Não concordo comigo mas absolvo-me,
Porque só sou essa coisa séria, um intérprete da Natureza,
Porque há homens que não percebem a sua linguagem,
Por ela não ser linguagem nenhuma.

XXXII

Ontem à tarde um homem das cidades
Falava à porta da estalagem.
Falava comigo também.
Falava da justiça e da luta para haver justiça
E dos operários que sofrem,
E do trabalho constante, e dos que têm fome,

E dos ricos, que só têm costas para isso.
 E, olhando para mim, viu-me lágrimas nos olhos
 E sorriu com agrado, julgando que eu sentia
 O ódio que ele sentia, e a compaixão
 Que ele dizia que sentia.
 (Mas eu mal o estava ouvindo.
 Que me importam a mim os homens
 E o que sofrem ou supõem que sofrem?
 Sejam como eu - não sofrerão.
 Todo o mal do mundo vem de nos importarmos uns com os outros,
 Quer para fazer bem, quer para fazer mal.
 A nossa alma e o céu e a terra bastam-nos.
 Querer mais é perder isto, e ser infeliz.)
 Eu no que estava pensando
 Quando o amigo de gente falava
 (E isso me comoveu até às lágrimas),
 Era em como o murmúrio longínquo dos chocalhos
 A esse entardecer
Não parecia os sinos duma capela pequenina
 A que fossem à missa as flores e os regatos
 E as almas simples como a minha.
 (Louvado seja Deus que não sou bom,
 E tenho o egoísmo natural das flores
 E dos rios que seguem o seu caminho
 Preocupados sem o saber
 Só com o florir e ir correndo.
 É essa a única missão no Mundo,
 Essa - existir claramente,
 E saber fazê-lo sem pensar nisso.)
 E o homem calara-se, olhando o poente.
 Mas que tem com o poente quem odeia e ama?

XXXIII

Pobres das flores nos canteiros dos jardins regulares.

Parecem ter medo da polícia...
Mas tão boas que florescem do mesmo modo
E têm o mesmo sorriso antigo
Que tiveram para o primeiro olhar do primeiro homem
Que as viu aparecidas e lhes tocou levemente
Para ver se elas falavam...

XXXIV

Acho tão natural que não se pense
Que me ponho a rir às vezes, sozinho,
Não sei bem de quê, mas é de qualquer coisa
Que tem que ver com haver gente que pensa...
Que pensará o meu muro da minha sombra?
Pergunto-me às vezes isto até dar por mim
A perguntar-me cousas...
E então desagrado-me, e incomodo-me
Como se desse por mim com um pé dormente...
Que pensará isto de aquilo?
Nada pensa nada.
Terá a terra consciência das pedras e plantas que tem?
Se ele a tiver, que a tenha...
Que me importa isso a mim?
Se eu pensasse nessas cousas,
Deixaria de ver as árvores e as plantas
E deixaria de ver a Terra,
Para ver somente os meus pensamentos...
Entristecia e ficava às escuras.
E assim, sem pensar tenho a Terra e o Céu.

XXXV

O luar através dos altos ramos,
Dizem os poetas todos que ele é mais
Que o luar através dos altos ramos.
Mas para mim, que não sei o que penso,

O que o luar através dos altos ramos
É, além de ser
O luar através dos altos ramos,
É não ser mais
Que o luar através dos altos ramos.

XXXVI

E há poetas que são artistas
E trabalham nos seus versos
Como um carpinteiro nas tábuas!...
Que triste não saber florir!
Ter que pôr verso sobre verso, como quem constrói um muro
E ver se está bem, e tirar se não está!...
Quando a única casa artística é a Terra toda
Que varia e está sempre bem e é sempre a mesma.
Penso nisto, não como quem pensa, mas como quem respira,
E olho para as flores e sorrio...
Não sei se elas me compreendem
Nem se eu as compreendo a elas,
Mas sei que a verdade está nelas e em mim
E na nossa comum divindade
De nos deixarmos ir e viver pela Terra
E levar ao colo pelas Estações contentes
E deixar que o vento cante para adormecermos
E não termos sonhos no nosso sono.

XXXVII

Como um grande borrão de fogo sujo
O sol posto demora-se nas nuvens que ficam.
Vem um silvo vago de longe na tarde muito calma.
Deve ser dum comboio longínquo.
Neste momento vem-me uma vaga saudade
E um vago desejo plácido
Que aparece e desaparece.

Também às vezes, à flor dos ribeiros,
Formam-se bolhas na água
Que nascem e se desmancham
E não têm sentido nenhum
Salvo serem bolhas de água
Que nascem e se desmancham.

XXXVIII

Bendito seja o mesmo sol de outras terras
Que faz meus irmãos todos os homens
Porque todos os homens, um momento no dia, o olham
[como eu,
E nesse puro momento
Todo limpo e sensível
Regressam lacrimosamente
E com um suspiro que mal sentem
Ao homem verdadeiro e primitivo
Que via o Sol nascer e ainda o não adorava.
Porque isso é natural - mais natural
Que adorar o ouro e Deus
E a arte e a moral...

XXXIX

O mistério das cousas, onde está ele?
Onde está ele que não aparece
Pelo menos a mostrar-nos que é mistério?
Que sabe o rio disso e que sabe a árvore?
E eu, que não sou mais do que eles, que sei disso?
Sempre que olho para as cousas e penso no que os homens pensam delas,

Rio como um regato que soa fresco numa pedra.
Porque o único sentido oculto das cousas
É elas não terem sentido oculto nenhum,
É mais estranho do que todas as estranhezas

E do que os sonhos de todos os poetas
E os pensamentos de todos os filósofos,
Que as cousas sejam realmente o que parecem ser
E não haja nada que compreender.
Sim, eis o que os meus sentidos aprenderam sozinhos: -
As cousas não têm significação: têm existência.
As cousas são o único sentido oculto das cousas.

XL

Passa uma borboleta por diante de mim
E pela primeira vez no Universo eu reparo
Que as borboletas não têm cor nem movimento,
Assim como as flores não têm perfume nem cor.
A cor é que tem cor nas asas da borboleta,
No movimento da borboleta o movimento é que se move,
O perfume é que tem perfume no perfume da flor.
A borboleta é apenas a borboleta
E a flor é apenas flor.
7-5-1914

XLI

No entardecer dos dias de verão, às vezes,
Ainda que não haja brisa nenhuma, parece
Que passa, um momento, uma leve brisa...
Mas as árvores permanecem imóveis
Em todas as folhas das suas folhas
E os nossos sentidos tiveram uma ilusão,
Tiveram a ilusão do que lhes agradaria...
Ah, os sentidos, os doentes que vêem e ouvem!
Fôssemos nós como devíamos ser
E não haveria em nós necessidade de ilusão...
Bastar-nos-ia sentir com clareza e vida
E nem repararmos para que há sentidos...
Mas graças a Deus que há imperfeição no mundo

Porque a imperfeição é uma cousa,
E haver gente que erra é original,
E haver gente doente torna o mundo engraçado.
Se não houvesse imperfeição, havia uma cousa a menos,
E deve haver muita cousa
Para termos muito que ver e ouvir...
7-5-1914

XLII

Passou a diligência pela estrada, e foi-se;
E a estrada não ficou mais bela, nem sequer mais feia.
Assim é a ação humana pelo mundo fora.
Nada tiramos e nada pomos; passamos e esquecemos;
E o sol é sempre pontual todos os dias.
7-5-1914

XLIII

Antes o voo da ave, que passa e não deixa rasto,
Que a passagem do animal, que fica lembrada no chão.
A ave passa e esquece, e assim deve ser.
O animal, onde já não está e por isso de nada serve,
Mostra que já esteve, o que não serve para nada.
A recordação é uma traição à Natureza,
Porque a Natureza de ontem não é Natureza.
O que foi não é nada, e lembrar é não ver.
Passa, ave, passa, e ensina-me a passar!
7-5-1914

XLIV

Acordo de noite subitamente,
E o meu relógio ocupa a noite toda.
Não sinto a Natureza lá fora.
O meu quarto é uma coisa escura com paredes vagamente brancas.
Lá fora há um sossego como se nada existisse.

Só o relógio prossegue o seu ruído.
E esta pequena cousa de engrenagens que está em cima da minha mesa
Abafa toda a existência da terra e do céu...
Quase que me perco a pensar o que isto significa,
Mas estaco, e sinto-me sorrir na noite com os cantos da boca,
Porque a única cousa que o meu relógio simboliza ou significa
Enchendo com a sua pequenez a noite enorme
É a curiosa sensação de encher a noite enorme
Com a sua pequenez...
7-5-1914

XLV

Um renque de árvores lá longe, lá para a encosta.
Mas o que é um renque de árvores? Há árvores apenas.
Renque e o plural árvores não são cousas, são nomes.
Tristes das almas humanas, que põem tudo em ordem,
Que traçam linhas de cousa a cousa,
Que põem letreiros com nomes nas árvores absolutamente reais,
E desenham paralelos de latitude e longitude
Sobre a própria terra inocente e mais verde e florida do que isso!
7-5-1914

XLVI

Deste modo ou daquele modo,
Conforme calha ou não calha,
Podendo às vezes dizer o que penso,
E outras vezes dizendo-o mal e com misturas,
Vou escrevendo os meus versos sem querer,
Como se escrever não fosse uma cousa feita de gestos,
Como se escrever fosse uma cousa que me acontecesse
Como dar-me o sol por fora.
Procuro dizer o que sinto
Sem pensar em que o sinto.
Procuro encostar as palavras à ideia

E não precisar dum corredor
Do pensamento para as palavras.
Nem sempre consigo sentir o que sei que devo sentir.
O meu pensamento só muito devagar atravessa o rio a nado
Porque lhe pesa o fato que os homens o fizeram usar.
Procuro despir-me do que aprendi,
Procuro esquecer-me do modo de lembrar que me ensinaram,
E raspar a tinta com que pintaram os sentidos,
Desencaixotar as minhas emoções verdadeiras,
Desembrulhar-me e ser eu, não Alberto Caeiro,
Mas um animal humano que a Natureza produziu.
E assim escrevo, querendo sentir a Natureza, nem sequer como um homem,
Mas como quem sente a Natureza, e mais nada.
E assim escrevo, ora bem, ora mal,
Ora acertando com o que quero dizer, ora errando,
Caindo aqui, levantando-me acolá,
Mas indo sempre no meu caminho como um cego teimoso.
Ainda assim, sou alguém.
Sou o Descobridor da Natureza,
Sou o Argonauta das sensações verdadeiras.
Trago ao Universo um novo Universo
Porque trago ao Universo ele-próprio.
Isto sinto e isto escrevo
Perfeitamente sabedor e sem que não veja
Que são cinco horas do amanhecer
E que o sol, que ainda não mostrou a cabeça
Por cima do muro do horizonte,
Ainda assim já se lhe vêem as pontas dos dedos
Agarrando o cimo do muro
Do horizonte cheio de montes baixos.
10-5-1914

XLVII

Num dia excessivamente nítido,

Dia em que dava a vontade de ter trabalhado muito
Para nele não trabalhar nada,
Entrevi, como uma estrada por entre as árvores,
O que talvez seja o Grande Segredo,
Aquele Grande Mistério de que os poetas falsos falam.
Vi que não há Natureza,
Que Natureza não existe,
Que há montes, vales, planícies,
Que há árvores, flores, ervas,
Que há rios e pedras,
Mas que não há um todo a que isso pertença,
Que um conjunto real e verdadeiro
É uma doença das nossas ideias.
A Natureza é partes sem um todo.
Isto é talvez o tal mistério de que falam.
Foi isto o que sem pensar nem parar,
Acertei que devia ser a verdade
Que todos andam a achar e que não acham,
E que só eu, porque a não fui achar, achei.

XLVIII

Da mais alta janela da minha casa
Com um lenço branco digo adeus
Aos meus versos que partem para a humanidade.
E não estou alegre nem triste.
Esse é o destino dos versos.
Escrevi-os e devo mostrá-los a todos
Porque não posso fazer o contrário
Como a flor não pode esconder a cor,
Nem o rio esconder que corre,
Nem a árvore esconder que dá fruto.
Ei-los que vão já longe como que na diligência
E eu sem querer sinto pena
Como uma dor no corpo.

Quem sabe quem os lerá?
Quem sabe a que mãos irão?
Flor, colheu-me o meu destino para os olhos.
Árvore, arrancaram-me os frutos para as bocas.
Rio, o destino da minha água era não ficar em mim.
Submeto-me e sinto-me quase alegre,
Quase alegre como quem se cansa de estar triste.
Ide, ide de mim!
Passa a árvore e fica dispersa pela Natureza.
Murcha a flor e o seu pó dura sempre.
Corre o rio e entra no mar e a sua água é sempre a que foi sua.
Passo e fico, como o Universo.

XLIX

Meto-me para dentro, e fecho a janela.
Trazem o candeeiro e dão as boas noites,
E a minha voz contente dá as boas noites.
Oxalá a minha vida seja sempre isto:
O dia cheio de sol, ou suave de chuva,
Ou tempestuoso como se acabasse o Mundo,
A tarde suave e os ranchos que passam
Fitados com interesse da janela,
O último olhar amigo dado ao sossego das árvores,
E depois, fechada a janela, o candeeiro aceso,
Sem ler nada, nem pensar em nada, nem dormir,
Sentir a vida correr por mim como um rio por seu leito,
E lá fora um grande silêncio como um deus que dorme.